

[Arquivo de  
Alvaro Tuberos]

CEDI - P. I. B.
DATA 05 / 04 / 93
COD. TKD 0025

ALVARO SAMPAIO

1

Nasci numa pequena aldeia do rio Tiquié - São Francisco, Alto Rio Negro, no noroeste do Amazônia perto da fronteira com Colômbia.

Minha mãe não sabia da data por ser analfabeta, mas quando perguntei da hora, a resposta dela foi simples: " Numa madrugada quando o galo cantava." Depois que voltei do colégio, em outubro de 1963, é que fiquei sabendo que fora numa madrugada de 3 novembro de 1953.

O lugar por onde me criei era conhecido como *Extã-ti-tha*, nome derivado de uma grande rocha que se encontra um pouco abaixo do nosso porto.

Com o passar da civilização o nome conhecido por nativos foi cedendo para lado de nome católico dos missionários salesianos - São Francisco.

A maneira de trocar o nome verdadeiro, nome indígena, não só aconteceu com lugares, e como também com pessoas que passaram receber nomes de brancos, como no meu caso, uma freira de nome Esmeralda deu sugestão ao meu pai para que eu fosse batizado como Álvaro Fernandes Sampaio.

Porém, antes que eu fosse batizado pelo missionário católico, já o meu avô paterno, o *Erê-mi-rĩ*, o que quer dizer, pessoa que tem espírito de alegria dos cantos de milhares de pássaros existentes no mundo, e esse nome é de grandes conhecedores de mitos e cânticos cerimoniais. Bem, o meu nome verdadeiro de nossa cerimônia é *Doéthiro*, o que quer dizer, pessoa dotada para conhecimentos de mitos ou então, pensador. No caso dos brancos seria como se fosse filósofo.

É claro que, todas as tribos do mundo tiveram seus pensadores e que através disso fizeram a história de sua existência; e assim acontece com as tribos do Alto Rio Negro - Am.

Certo, no meu tempo de infância a maneira de esquecer ou trocar o nome dado por indígenas da região ficou sendo moda, sendo então substituído por dos católicos, geralmente com os de santos ou de heróis mais famosos do país. Eu sei que isso se fez para saber do balanço de catequese de missionários católicos na minha região, e no fim tanto os povoados e como pessoas ficamos com nome de muitos santos da igreja dos brancos. Essa transformação, troca de nomes e medo de ter nome indígena e demonstrar a verdadeira identidade foi muito triste, porque os velhos antes da chegada dos missionários sempre tiveram o direito de chamar atenção aos seus filhos, e seja o mesmo para qualquer indivíduo mais novo. Nesse tempo eram eles que recebiam a educação de seus filhos como se fossem crianças porque não sabiam ler e escrever e falar a linguagem dos padres. Eram considerados atrasados por não saberem os mandamentos da igreja ou por não cumprirem as ordens dos diretores das missões e de seus itinerantes. As rezas cristãs estragaram a entrega de cerimônia de pai para filho, e logicamente, que o futuro do povo sempre foi destruído por brancos mais exagerados de tanto catolicismo, e dessa maneira posso dizer muito bem, que não era o mandamento da igreja, pois quem falava mais e impunha a ordem era o Padre Leonardo Donno. Desde que esse padre saiu de Pari Cachoeira, embora existam alguns missionários radicais como padre Norberto Hohonchirer conservamos pouca cerimônia que nos restou durante meio século de cristianização, o que naturalmente nos faz sentir longe de perdermos a nossa verdadeira história.

Não como descobrir linguagem que satisfaça o leitor, porque eu encontro grande dificuldade de escrever português, porque os meus professores na maioria deles sempre foram estrangeiros. A outra razão é porque fui criado numa civilização diferente dos brancos, nunca fiz uma infância no meio de tantos povos diferentes e progressos de competência difícil de compreender. Conheci a verdadeira natureza, sou costumes originais de minha terra, antes de me identificar como verdadeiro indígena e porque desconhecia sobre as maldades da SPI e agora da FUNAI que sempre vou desconfiar de seus presidentes por mais que tenham boa conversa, jamais senti tanta saudade e força para ser mais nativo desta terra. Ora, o que devo dizer através desse texto serão os fatos marcam os espaços para melhor conscientização do meu povo. Eu sei que essa forma de demonstrar a verdade de muito erro de pouca gente poderosa e que têm o respaldo político de pessoas de minha oposição, de fato isso me deixou e deixará mal visto. O que já passei de pesadelos por falar verdade, isso não me amedronta. Eu sei o que estou fazendo; e se eu não escrever que os erros se agravariam muito mais. Infelizmente essa saudade só cabe aos poucos, para quem gostaria de guardar a sabedoria dos velhos num registro que pudesse ser utilizado para educação de novas gerações.

A falta de conhecimento de nossas raízes, as histórias dos verdadeiros dias de cerimônias, os fatos que nos uniriam como irmãos não existem no momento, porque a chegada de muitos textos escolares feitos por brancos só contaminam as futuras organizações de filhos indígenas. Cedo ou não os filhos de nativos sempre ficam com cabeça de branco perdido, sujeito às imposições e não podem mais ter uma voz ou a união de suas lideranças para melhor defesa de sua sobrevivência cultural.

O meu interesse, através desse texto, é para fazer uma crítica orientada a meu espírito, buscar uma razão ou desculpa pelo que fui - um índio fraco querendo ser como branco falso e fazendo outras coisas que nunca caberiam para construção de minha alma. Passei só oito anos com meus avôs paterno e materno, e logo passei enfrentar a civilização dos brancos até com muita inocência. Fui criado fora de minha de minha civilização, porque segundo os missionários e mesmo meu pai, que eu deveria receber a educação complementar para "ser civilizado e assim merecer o respeito da sociedade". Desde a primeira fase da escola tenho percebido que alguma coisa me faltava, porque nunca consegui me dedicar só numa coisa. Fui instável, certamente muita cristianização adotada em muitas escolas de brancos, que na escola onde haviam muitos índios não deu tão certo, porque através dessa educação é que se tem percebido um ponto chave para esquecer a definição de nosso povo.

Desde a chegada de primeiros missionários, até hoje, houve certamente grande desaparecimento de línguas indígenas, e logicamente suas culturas. Para educadores a consideração dada como adiantamento do povo ou fase de missegenação entre os próprios índios e de seus valores culturais foi uma vitória, porque eles conseguiram um título destaque diante do governo, e nós ficamos cada vez mais subordinados, e se nós fomos muito obediente demais foi por covardia para não sermos menosprezados publicamente diante de outros que não queriam se manifestar como indígenas.

Mas, como diziam os meus antepassados, que matar saudade é mergulhar ou fazer presente do mandado passado. Eu sei que no meu caso, que saudade não é uma doença, porque tenho emoção e crio na mente o mundo invisível para as futuras gerações do Alto Rio Negro. Se a turma de hoje não entender a força desse contexto, tenho certeza que um dia alguém há fazer trabalho diferente.

Doéthiro.

São Paulo, dia 30 de novembro  
de 1982.

O meu avô paterno chamava-se Urê-mi-rĩ e era bayá, grande conhecedor de cânticos cerimoniais. Este era o sacerdote da minha aldeia, pois era ele quem fazia curas e andavam benzendo os doentes, e estava cheio de cabelos brancos. O meu pai e membros de minha família chamavam-no de merê-oro, o que quer dizer, a flor de ingazeira que é branquinha. Outros tinham medo dele devido seus cabelos brancos, e diziam que ele tinha nima, praga para fazer feitiços. E muitos que confiavam-no tinha ar bom, isto é, eram bem divertidos.

Antes, depois de uma intriga com alguns membros da tribo Tukano da aldeia do meu bisavô, este por determinações de seu pai fora passar um tempo para aprender a língua geral com uma família de brancos no Rio Negro. Eu acho que isso deve ter ocorrido depois do rito de iniciação, porque segundo ele me contava já sabia pescar, e desse jeito sempre viveu muito bem, comendo bem e se divertia logicamente. Não sei quantos anos que passou, mas segundo ele ficou durante uns vinte poucos anos, e mais tarde teve que voltar porque os parentes dele foram buscá-lo por ele ser o filho de pessoa importante da tribo.

O meu bisavô chamava-se Axkêto, e morreu no Rio Negro, perto de Barcelos num lugar chamado São Joaquim. Também a minha bisavó faleceu nesse lugar ambos de muita febre, escapando somente a irmã do meu avô.

A morte deles, longe da tribo, foi porque eles foram atrás do meu avô para trazê-lo de volta, e não puderam realizar o sonho porque o meu avô estava fazendo viagens pelo Rio Branco, e assim a história vai longe.

A volta do meu avô para aldeia de seus parentes foi quando os parentes se encontravam em Uaupés, hoje São Gabriel da Cachoeira, ainda nos tempos de sua fundação. Voltando para aldeia, na boca do Esteio Igarapé, no rio Tiquié este casou-se, e cujo nome não me lembro porque esta faleceu logo. Depois casou novamente com uma mulher da tribo Miriti, de nome Legadia (Diucária) com quem teve quatro filhos: Júlia, Casimeiro, meu pai Antônio e Henrique.

Infelizmente o meu avô não teve nenhum irmão, e a irmã dele fora envenada por motivos de ciúme ou de intrigas internas entre os membros da própria tribo no povoado Esteio Igarapé.

O meu avô chamava-se João Vitorino Sampaio, e era o filho de Vitorino (Bitu).

Na minha infância era ele o meu companheiro nas pescarias e mesmo de caça e assim tínhamos coversas de amigo. Naquele tempo tínhamos muitas plantas medicinais. Essas plantas eram cuidadas muito bem, e serviam para caça e pesca ou mesmo para curar as doença, como por exemplo, reumatismo e dor de barriga, diarréia. Eram plantas que nós chamavamos como BARÁ, o que significa planta que atrai peixes, caça, etc, conforme a sua especialidade, como por exemplo, remédio específico para tratamento de picada de cobra.

A mairia dessas plantas eram tubérculos mascáveis ou que poderiam ser passados nos anzóis e nas linhas de pesca, nas pontas de flecha, e etc. Muitas vezes também usávamos zarabatana para caçaria, e era muito divertido.

A zarabatana era muito pesado para mim, porque chegava medir até 4m de comprimento, e desse jeito tínhamos zarabatinha infantil, feitos para treinamentos de pontaria até atingir força para matar grandes animais como macaco, jacu, mutum, jacamim e outros animais de médio porte.

Ele era bom atirador de flecha, mesmo de tiro com espingarda, fazia pequenos puças para pegar peixes, ( parecido como tarrafa). Era respeitado, porque ele sabia pescar, trabalhar no duro numa roça, benzer os dentes e como conversar com seus compatriotas, eu o admirava também pela sua sapiência, a maneira de organizar seus trabalhos, na maneira de memorizar e por tudo em prática o que ele sabia de bom para o bem da comunidade.

Mas mesmo assim, não era tão bom demais. É claro que ficava brabo com minha vovó, e mesmo comigo quando não cumpria as ordens dele.

A minha mãe acompanhava mais com minha avó, e desse jeito não muito bem o que elas faziam, porque no meu costume cada um têm o seu lugar, que o homem não pode fazer os trabalhos da mulher, e vice-verso. Mamãe é da tribo deçano, também de família importante, e não pôde dirigir o seu povo por ser uma mulher, porque nós praticamos exogamia, e desse jeito ela veio para tribo Tukano, e mesmo se permanecesse por lá não teria condição para chefia por ser do sexo feminino. Ela é de Cucura Igarapé, a uns 6Km de meu povoado.

O meu avô materno, o José era da tribo Deçano, do grupo d'expo-ti-ro do Cucura Igarapé, e fora órfão de pai e mãe, e por essa razão sendo criado por sua avó, e depois por uma de suas tias muito severa. Ele me dizia, que conheceu muita dureza, pois comia e bebia quando executava o traba-

lho exigido por essa tia, e do contrário dormia com barriga vazia.

E quando o conheci bem, ele já não era mais pajé, porque havia jogado os seus materiais para esse tipo de trabalho devido a influência dos missionários. A minha compreensão, em princípio, não foi mole porque ele só falava o idioma deçano, mas logo pude acompanhá-lo de acordo com costume do meu povo, e infelizmente não sei como era o nome de cerimônia. Este era casado com uma mulher Tukano de São Antonio (baía-pe) e teve suas sete filhas: Anita, Mariquinha, Mariquita, Emidia, Guilhermina (minha mãe), Ana e Maria.

Sei dizer, que minha avó materna também era de uma família importante, e se chamava Joaquina. Aqui se vê, que minha infância foi com pessoas importantes das aldeias, porque eu era o primogenito, e logicamente que mais tarde seria o chefe da geração posterior ou pelo menos líder.

Também de vez em quando o meu pai me acompanhava, pois este se dedicava mais com as atividades da roça, e eu não pude acompanhar muito por ser uma vida de trabalho muito duro, como por exemplo, a derrubada de matas virgens, e desse jeito o meu pai vivia com calos enormes nas palmas da mão, resistentes para pegar machado ou facão. Eu sei dizer, que até agora ele continua com essa vida de agricultor, e devo dizer meu muito obrigado porque ele sempre se dedicou para minha formação nos colégios dos missionários salesianos, e mesmo com pouca participação que tive com meus avós.

Quando ficava cansado de tantas pescarias me dava aquele pensamento de ajudar o meu pai, mas toda vez que eu ia nem sempre aguentei, saia perdendo de tanto cansaço. O trabalho era muito perigoso, e jeito era ficar para lado do meu avô que era mais divertido, e bom para manter alimentação para nossa família.

Eu fora único menino do meu povoado e não tinha muitos colegas para brincar. De vez por outra surgiam os peo-rã (maku), o que quer dizer empregados. Esses indígenas viviam nas matas ou afastados de rios grandes, dos povoados que ficaram às margens do rio Tiquié. Eles vinham com família para trabalhar na roça de meu pai ou de meu avô e mesmo de meus parentes. Geralmente, o meu avô paterno não tinha muita freguesia com esses Maku, a não ser o materno que gostava de ter muitas roças, e que na casa dele nunca lhe faltaram fartura. Também os Maku gostavam muito dele porque trabalhavam mas que comiam da roça dele, e assim este era simples administrador, brabo mas cheio de freguesia.

É nessas ocasiões que eu tinha amigos para brincar, porém muito difícil falara língua deles por ser diferente do Tukano. De acordo com a necessidade e por influência dos trabalhadores Maku é que consegui aprender a língua. De calado nos primeiros tempos passei me expressar corretamente nas horas do banho e no passeio aos redores da aldeia. Os pais desses meus companheiros sempre trabalhavam para os moradores que foram civilizados pelos missionários, mas já nos primeiros tempos isso acontecera desse jeito, que os Maku eram pessoas que trabalhavam nas roças de tukano ou de deçano e de outros grupos. Graças a Deus, essa estória está se acabando aos poucos.

Os indígenas que receberam o batismo, os civilizados ou adiantados diziam que estes eram pagãos, e desse jeito dava para entender que eram inferiores do que os tantos ex-alunos católicos. Não quero menosprezar os Maku quando digo pagãos, porque assim foi a expressão que conheci através dos ex-alunos e dos missionários do rio Tiquié. E se os missionários chamavam assim, eu sei que tinham suas razões.

Bem para mim os meninos eram muito egraçados e sempre precisei de companheiros para brincar e nadar, para exercitar a pontaria flechando os calangos aos redores de nossa aldeia. As palavras que aprendi com meus companheiros foram muito simples, como por exemplo:

hãmaĩ sô'moĩ - vamos tomar banho;

hãmaĩ we'rei - vamos comer;

nixkãñẽ hãmaĩ?-para onde vâis? e etc.

Gostei do entrosar com esses meninos, e fiquei muito familiarizado com eles e comecei me entender outras novas expressões muito ricas de vocabulário. Mas, na arte de caçar e de andar no mato estes sabiam muito mais do que eu, principalmente no manejo de arco e flecha. Dificilmente se perdiam na mata, mas tinha muito medo de nadar no rio Tiquié porque de uma vez por outra sempre viam o boto boiar, porque segundo eles comia gente, e como também tinham medo de sucuriçu grande que aparecesse no fundo das águas, e tinham mais outras imaginações temerosas.

Eles sabiam fazer instrumentos musicais com osso de veado, com caramujo ou mesmo pequenas flautas que tinha um som belíssimo.

Os meninos e pais Maku também tinham estimaçãõ por mim, e por isso, me pediam para que eu aprendesse tocar os instrumentos musicais. Entãõ, eu com inocência de criança estava no meio deles com muita calma, e realmente não deu para ser igualzinho a eles, mas alguma coisa eu consegui aprender. Também foi um pouco para mim conviver o tempo inteiro com eles, isto é, que eles ficavam ao redor de nossa aldeia quando havia trabalho na roça do meu pai ou também de meus parentes, e logo que terminavam voltavam para seus lares e procuravam outros lugares para trabalhar.

A diferença que tenho encontrado neles foi muito pouco, porém interessante porque esses companheiros sabiam pescar mais nas cabeceiras dos igarapés, porque quando estes não encontravam trabalho junto aos homens que moravam às margens do rio Tiquié, geralmente eles viviam nos matos coletando os frutos do mato, caçando e botando timbó nos igarapés para matar peixinhos, e assim os seus filhos sempre tinham mais técnicas para sua sobrevivência na selva. Assim, quando andávamos nas matas de nossas roças ou nos lugares onde sempre caçávamos, de uma vez por outra sempre encontrávamos pequenos lugares de pernoite. - marcas de fogo, espinhas de peixe e ossos de caça, e outros sinais. Eles trabalham muito bem para os tukanos e deçanos, e desse jeito alguns não faziam roças para si, a não ser alguns possuíam pequenas roças para manter suas famílias ou para dar bons exemplos aos outros. Porém os não tinham roças ficavam roubando, pois assim deveriam fazer. Em verdade não eram nem roubos como diziam os civilizados, porque quem fazia grandes derrubadas eram os maku, e quem plantava eram as mulheres de maku e essa administração era feita por pessoas civilizadas.

Eu me lembro muito que os maku sempre faziam grandes festas, e foram os

últimos grupos indígenas a realizar grandes dabucuris com MIRĪ, conhecido por nome branco como Jurupari, o que quer dizer, diabo. Mas, no nosso conceito MirĪ não era diabo, e sim mirĩã-põ'rã-maxsĕ, o que quer dizer, ser como portador de todos os espíritos de milhares de pássaros existentes no universo, ser sagrado e utilizado exclusivamente pelos homens em suas grandes solenidades.

No meu tempo de infância, entre os moradores das margens do Tiquié, não se via mais MirĪ. Assim eu nunca vi essa flauta sagrada, mas de vez em quando eu passava umas temporadas na aldeia do meu avô materno e de lá sempre ouvia de longe o som da flauta sagrada. Esse barulho da flauta sagrada era nas ocasiões de grandes solenes de maku, pois eles tinham suas malocas, suas organizações patrilineares, os seus enfeites, seus sá bios pensadores, os pajés, não excluindo o rapto de mulheres de modo oficial, segundo os costumes de muito tempo.

Essas festas eram animadas, porque tinham muita bebida fermentada postas numas grandes cochas de madeira, que em tukano chama-se pêru-yuxkĕshĕ, o que quer dizer, canoa apropriado para por caxiri (bebida fermentada). O que tenho observado também, é que o meu avô materno, o José ficava muito brabo quando ouvia o barulho de flauta sagrada, porque a maioria dos parentes dele haviam morrido e outros vieram para atual Santa Isabel do Rio Negro, e desse jeito não tinha mais gente para executar àquele tipo de solenidade. Se ele ficava com muita raiva, eu creio que eram por causa de muita saudade d'aqueles tempos de muita alegria dele, pois realmente ele fora grande homem, e fora grande pajé, e benzia CAXPI, bebida

que se servia na melhor hora de grandes solenidades nas malocas. Eu me lembro que ele ficava sentado na entrada porta, e ficava refletindo só zinho e fumava o grande cigarro feito por ele, comia um pouco de ipadu para memorizar melhor e assim ficava bem concentrado no pensamento. Mas quando chegavam os maku para visitá-lo, ele gritava só por cuasa da festa, e logo que via alguma caça ou outros presentes ele se acalmava logo, e passava distribuir o trabalho aos maku visitantes. Sim, o meu era brabo, mas não batia a ninguém e só fazia gritar durante uns três minutos diante dos Maku. Porém, que os Maku eram tão acostumados que nem ligavam-lhe mais, e para agradar-lhe traziam baxti (pequena sexta para botar frutas, como pimenta, batata, peixe moqueado, e etc); mē'rõ (bolos de cigarro, com pequenos furos para secar bem e muito bem temperado e forte, cozido e secado à beira do fogo); mēxkã (uma espécie de formiga que vive em terras barrentas, de cor ocre, assado ou torrado no forno e depois embrulhado com folhas de embauba); jacamim, mutun ou jacu moqueado, e mesmo um quarto de cotia ou de paca moqueado; atura para carregar mandioca, e etc. É isso que acontecia. Nessa ocasiões muitos vinha para ficar trabalhando para ele, e era bom porque pelo menos ele tinha pessoas com quem conversar.

Os velhos iam para roça, e nós ficávamos ao redor da aldeia, principalmente por volta de 9 horas da manhã em diante, porque é nessa hora que os lagartos saiam de suas covas. Eu sei que as nossas brincadeira se transformavam em artes práticas, exercitar a pontaria com arco e flecha, e muito banho no porto.

Adaptar o arco e flecha e acompanhar a velocidade de peixe e de bichinho e era bom, pois assim nos facilitava sermos bons atiradores e nós sentíamos o gosto por aquilo.

N'outras vezes encontrávamos ratos nos cerrados de campo e todos corríamos para cercar com arco e flecha em mãos. Quando matávamos seguíamos em direção aos tapiris dos maku, e de pegávamos beju ou farinha ou que ficávamos aí mesmo para assar e comer. Em primeiros momentos eu fiquei com nojo d'aquilo, e com passar do tempo provei um pouquinho e percebi que a carne tinha o gosto de cutinaia ou de coelho; e assim fazíamos com lagartos e passarinhos, como piriquitos, e etc.

Eu sei que deixei um pouco de lado dos ensinamentos do meu vovô e do meu pai, pois a constante convivência com os maku me deixou totalmente livre às ordens do meu vovô. Assim o meu pai e vovô me deram uma atenção dura e achavam ruim a minha participação. Logo, devido a desconfiança de meus parentes tive que moderar um pouco, porque até aí eu já era grandinho, e logo que deixei essa amizade me senti um pouco triste e inseguro no meus trabalhos. Quer dizer, o que conheci no meio desses meninos foi bom para mim. Porém por exigência do meu avô João voltei a pescar e às vezes acompanhar a minha <sup>mãe</sup> roça juntamente com a vovó Leocádia.

Realmente a vida mudou aos poucos, e para que eu fugisse de muitos pensamentos a minha avó Leocádia sempre procurava de trazer muitos presentes da roça dela, abiu, batata assada, uns pedaços de cana e outros presentes que meu povo conhecia. Em casa tinha muita banana, abacates e peixes e dizia o meu avô João que aquilo quera a comida indicada para qualquer criança.

À proporção de tanta delicadeza que era dirigida a mim, então eu era danadinho. Os homens e as mulheres não paravam em casa, pois melhor coisa para eles era trabalhar na roça. Assim em um desses dias eu e minha irmã menor ficamos sôzinhos em casa. O nome de minha irmã é Isabel, e os velhos que não se expressar muito bem esse nome chamavam-na como Sabera e amim como ADU, que segundo a minha avó seria homem deste mudo. Certo, o chefe de casa por àqueles era eu mesmo. E quando era por volta do meio dia descobrimos um cacho de banana maduro no girau do meu avô e logo ficamos com aquela vontade. A minha irmã era pequena e não sabia fazer praticamente quese nada, e eu pensei de subir para apanhar algumas bananas. Depois de muita imaginação acabei subindo na parede da casa, pois a ripas para assegurar a parede me ajudaram a chegar perto do girau. Quando eu passar por cima do girau me deu medo, mas mesmo assim eu me enfiei numa fresta do girau, e logo perdi o equilíbrio na parede e fiquei pendurado como quase que enforcado e gritando, e minha irmã ficou sem nenhuma saída. No meio da parada como essa não tinha slavação, mas a minha salvação foi o meu avô João e ficou meuito surpreendido, e como sempre falou alguma coisinha: " Quem tira as coisas alheias sem permissão passa por essa, e você entendeu bem a lição?." E chorei de medo, mas não me aconteceu quase nada, porque isso ficou como piada para meus tios e parentes e muita vergonha para mim. E desde aí percebi que meu tinha avô tinha sua razão, porque nunca mais cheguei a repetir esse papel.

O mais exigente era o meu pai que queria me castigar conforme as instruções recebidas dos missionários. A minha defesa era minha avó Leocadia e minha mãe, e sem dúvida o meu avô João que tinha contos lindos.

Até por aí o meu avô era chefe da aldeia e ensinava a meu pai todos os costumes para difigir o povo. De manhã, assim que o galo cantasse os homens tomavam banho no porto, e depois a mulheres, enfim as crianças. Depois, quando o sol começava ficar por cima do horizonte das matas o meu avô chamava todo mundo para trazer as panelas de barro de pimenta, peixe e outros alimentos complementares para alegrar o seu povo. Nesse tempo cada um tinha sua casa particular, conforme a exigência de nova civilização, e traziam então a comida para casa do meu avô. Primeiras pessoas que vinham eram as mulheres. Estas traziam beju, pimenta, à vês peixe num pequeno prato para por na roda de comida. O chefe ficava esperando a vinda de todo mundo ou de alguns presentes no povoado para comer juntos. As mulheres cumprimentavam o meu avô ou então a meu pai, dando uma forma de suadação como BOM DIA - wã'kã-ti-mêê, o que quer dizer: você acordou? Todos se cumprimentavam, e assim dava para perceber que a união era inevitável entre si ou que demonstravam de que eram membros de uma só família. Era momento de emoção, porque todos vinha com fisionomia alegre, dispostos para enfrentar outro dia de trabalho. Quando as mulheres colocavam a comida no chão, bem no centro da sala sempre tinham que pronunciar alguma coisa: mã biatê ba'ia, o que quer dizer: pronto, po de comer a pimenta. Outras só faziam ironias alegres a seus maridos que dormia demais durante a noite, porque é costume de minha região pescar de noite, segundo elas, para dar bons exemplos aos jovens. Esses tipos de ironias dava para rir, pois eram também de costumes tradicionais do meu povo. Às vês, essas conversas eram mais animadas ainda, porque era nessa ocasi

ões que os velhos soltavam palavras relativas ao sexo. Bem todas essas formas de comunicação era para educar os jovens.

Primeiro, quem comia eram homens, e de lado as mulheres ficavam esperando a vez delas. Depois que os homens terminavam de comer, então as mulheres traziam mingau ou manicoera, que é suco de mandioca cozida que fica bem doce e davam aos homens para beber. Geralmente essas bebidas eram trazidas numa cuias e os homens ficavam numa roda esperando, e assim que recebiam passavam a bebida para todos. A entrega dessa bebida era de acôfdo com a opção das mulheres, isto é, que elas davam a quem tivessem mais consideração naquele momento, e desse jeito a cuia dava uma volta de 360 graus e retornava fazendo roteiro diferente, isto é, oposto até chegar na pessoa que recebeu e aí era devolvido.

Depois era vez das mulheres, que quando tinha peixe ou outra coisa elas traziam para comer juntas e os homens ficavam de lado assistindo e conversando numa boa. Era nessas oportunidades que o chefe da aldeia comunicava alguma coisa - trabalho ou não, e expunha oficialmente uma pescaria ou para fazer uma festa. Então os ouvintes ficavam animados e depois cada uma seguia para sua casa, e se dirigiam para os trabalhos de roça.

Nos dias de domingo era mais animado ainda, porque as mulheres faziam muita manicuera ou alguma coisinha de caxiri que nós chamamos como i'pi-ti-she, o que quer dizer, doce ou bebida que não dá para ficar embriagado. As mulheres ou mesmo os homens, quando voltavam do trabalho comiam juntos de novo, e depois disso é que as mulheres preparavam mandioca. Primeiro, descascavam, ralavam e coavam numa espécie de peneira apropriada para isso deixando cair só suco de mandioca.

Para essa atividade nós temos nomes:

ki wêhashe - descascar mandioca; ki oeshe - ralar mandioca; ki bixpe-she, espremer mandioca e ñoxkã- pio-sãshe - cozinhar manicuera.

Assim, quando anoitecia as famílias se juntavam para beber manicuera, e outros traziam a panela de pimenta e ficavam conversando. E homens, geralmente os mais idosos formavam outra roda para escutar os contos de mitos ou mesmo cerimônias ou narrações dos fatos mais importantes que marcaram a história do nosso povo. Quem queria aprender os mitos, de modo geral, os jovens ou pessoa que não sabiam chegavam perto dos velhos e ficavam escutando, todos concentrados. Os homens mais velhos fumavam seus cigarros e comiam o ipadu (patu) com máximo respeito, porque os velhos estavam ali para chamar atenção de jovens e era de momentos sérios. E quando era por volta das 21 horas chegavam as mulheres com cuias de manicuera para dar aos velhos, e assim todos tomavam e prosseguiam ouvindo os mitos.

No meu tempo de infância não era tão rígido, porque antes os velhos dormiam depois de meia noite, e como tenho visto quando chegava umas vinte e duas horas os velhos davam uma boa noite com uma conversa solene de um por ou todos que ali se encontravam tinham que trocar as palavras. Essas últimas palavras eram umas orações (frases) que davam para imaginar o sintese de cada dia ou de planos de trabalho que fariam no dia seguinte. Ao sairem todos guardavam os bancos e se dirigiam rumo às redes.

Também tenho visto a minha mãe torrar muita farinha como também outras mulheres. Para isso elas tinham que botar mandioca de molho, e assim que ficava mole tiravam só massa e misturavam com massa de mandioca espremida

nos dias anteriores. A mandioca, era posta geralmente num pequeno lugar de um riacho ou então numa canoa velha. E para descascar não era mole, pois exigia muito tempo e calma para efetuar outras atividades paralelas, cuidar de casa ou mesmo acompanhar com mais calma as crianças que ali circulavam. Mas, no caso de minha era bem distribuido esse trabalho, porque que fazia de vez em quando esse trabalho era a minha avó Joaquina, a mãe de minha, porque a outra vovó morreu quando eu tinha uns oito anos. Muitas vêzes o papai e mamãe faziam o mesmo trabalho e sempre recebiam ajuda de minha avó e de nós mesmo quando estávamos com pressa de acabar o trabalho. Púnhamos num aturá para ser carregado pelo ppapai, pois era muito pesado demais. Depois vinha os processos de penerar, espremer num tipiti, enfim torrar no forno. Era trabalho duro.

A mandioca de molha nós chamamos de kibó, a farinha de po'ca, torrar farinha - po'ca ãxtê-she. Por muitas vêzes, do suco de mandioca de molho se fazia um tempero que se chamava tucupi. O liquido era amargo e quando era fervido trocava de gosto para ser temperado com peixe. Outros faziam o mesmo, mas com resto de manicuera que muito cozido ficava servindo como se fosse sal. Ainda até... a pouco tempo - 1964/66 tenho visto muita panela de pimenta com esse tipo de tempero. Dizia o meu avô, que antes de chegar os brancos que os nativos extraíam outra tipo de tempero chamado caruru, o que em tukano eles chamavam como mōã, o que quer dizer, sal. Outro tempero era feita com folhas de maniva, que quebrando as folhas com galhos deixam umedecer até que estas ficassem roxas; depois amassavam num ralo e saía então um tipo de maniçoba que nós chamamos kīpū (roxo). Outro era

maniçoba - dëxkë-pũ-rĩ - folha de maniva. Bem, todos esses temperos eram para serem misturados com peixe. Foi o que tenho conhecido na minha infâm<sup>ia</sup>cia, e agora sei dizer que esses temperos foram até esquecidos devido muito progresso do mundo dos brancos.

Os meus avôs sempre insistiam para que as crianças tomassem bastante o suco de mandioca cozido que era manicuera. - ñoxkã. Essa bebida era pouco perigosa, porque tinha que ser muito bem fervida para não matar gente. Antes, na hora de espremer e pós tinha que deixar durante alguns para que a goma se fundisse que era tapioca - em tukano, wexta. Depois as mulheres sabendo que está bem tirava o líquido com uma cuia e ferviam numa panela grande que se chama ñoxkã-tê, o que quer dizer pnela para cozinhar manicuera, as vêzes, batata, pupunha, banana, milho para fazer caxiri. N'outras vêzes até para cozinhar peixe ou cunuri para que fosse servido a todos. Assim, nos primeiros momentos a manicuera espumava quase branca, e desse jeito era sinal de que estava com veneno. Mas, quando estava amarela ou quase que alaranjada, e quando ebulição começava baixar cada vez era o sinal de que já se podia tomar que não fazia mal a ninguém. Também dava para cozinhar abacaxi porque assim ficava mais gostosa e mais nutritiva para o desenvolvimento físico das crianças. Se as apreciações eram feitas por quase todos os membros da aldeia, eu creio que isso deveria ser adotado para filhos de brancos, porque tenho visto que muitos meninos usam açúcar de modo exagerado por não conhecerem melhores alimentações. Posso dizer também que o leite tirado de uma vaca pode ser que seja até perigosa, e sei que essas não são desconfiadas porque no mundo dos brancos que a

propaganda e saída de dinheiro se faz através disso. Bem, no nosso caso essa bebida é boa porque é tirada diretamente de primeira cadeia alimentar, é bom para ôvelhos e urianças.

O meu povo tinha costume que era quase que fictício, que os meninos não podiam comer carne de caça, a não ser peixe que eles conheciam. Eu mesmo tenho levado nessa vida de fazer abstinência quando a comida era carne. Os velhos exigiam em cima dos pais e das ciranças para que não comessemos, e inventavam uma série de coisas como razões, que se comesse ficaria doente. As razões eram anemia, criar barriga (de verme), ficar babando durante as noites, ter preguiça de tomar banho, desenvolvimento físico retardado e até mental, ser preguiçoso e que ficaria logo com cara de velho, e outras coisas a mais. Essa maneira foi logo se acabando, porque de fato a forte civilização introduzida por brancos disse que era mentira, e assim muitos ex-alunos não faziam mais esse tipo de costume. Logo, as caçarias que fazíamos com meu avô já me dava gosto, porque de qualquer modo eu tinha que participar com muito prazer, e no meu caso era para mim comer bastante pimenta para não ter preguiça ou para não comer terra. Dizia o meu avô, que no tempo dele era pior ainda, porque ele me dizia que passou durante muito sem comer carne de caça. Por exemplo, perto do atual povoado Santo Antônio - rio Tiquié, no walto-boatha, que o pai dele atirou um tatu enorme e depois jogou de cima do barranco e mediu ao meu avô que pegasse, pois este se encontrava na canoa. Bem, ele me disse que não pegou só de raiva porque não comia. Depois veio o pai dele e perguntou-lhe se tinha pego o tatu, e a resposta foi negantiva, e ele interrogou o por que. Porém, o meu avô disse-lhe que não pegou porque não comia aquele bicho.

Disse ele, que a partir d'aquela dia que o pai dele sempre chamou para comer carne de caça. Essas coisas também aconteceram com meu pai e minha mãe e com meus tios, e hoje, é praticamente livre. Que os meninos comeram caça demais, e dificilmente encontra-se cotia e outros animais. Bem, isso foi o costume do meu povo, e agora sei meuitos dos velhos ainda recordam desse comportamento.

Bem para continuar, eu me lembro que quando os velhos comiam carne todos os meninos desciam rumo ao porto para tomar banho, e por cima tinham que bater nas águas para produzir um barulho ou assoprar para dar o sinal de q/ está obedecendo aos pais. Até peixe assado era privado para os velhos e as razões eram as mesmas. Peixe cozido sim, era do gosto dos velhos. Mas, antigamente os velhos até proibiam comer surubim, piranha, pirãra porque estes também prejudicavam a vista de jovens ou que pessoas que dele comessem não tinha a facilidade de aprender os mitos e cerimônias. Vi crianças que choravam quando queriam comer caça junto com adultos, mas não tinha jeito, e era pelo contrário até chicotinho do pai ou da mãe. E como já disse, que o tempo mudou com a chegada dos missionários, que muitos ex-alunos ficando com pena de seus filhos tiveram que dar carne de caça, e isso aconteceu até comigo e com meus irmãos. Bem, isso aconteceu mesmo que meu avô ficasse desconformado, e como dizia meu avô materno, o José, que foi uma perda de moral para os pais de nova geração, pois de fato os velhos sofreram calados porque jamais receberam educação junto aos brancos. Sei dizer também que eles ficavam horizados quando viam criança barriguda e anêmica ou desobediente aos costumes da tribo.

Se porque o meu não tinha muito domínio sobre meu pai, foi porque era u-  
na época  
ma época de transformação, que todos os habitantes do Alto Rio Negro ti-  
nham que ser católicos de qualquer fôrma. Mas, sei dizer também, que  
meu avô não foi tão mole. Era radical mesmo reconhecendo que meu pai fo-  
ra nomeado capitão do nosso povoado. A turma de ex-alunos do meu pai e  
muitos outros posteriores eram pessoas que combatiam contra o radicalis-  
mo do povo, eram pessoas contra festas cerimoniosas, contra caxiri e mes-  
mo com atos de benzêr os doentes. Sei dizer que as instruções recebidas  
junto aos missionários só fêz que estes criassem contradições, porque  
até aí que os ex-alunos não queriam saber mais dos costumes do povo.

Que as intruções dos padres transformou-lhes como defensores da fé cris-  
tã, e não sei o que aconteceu além disso, pois eu era pequeno, e portan-  
to não dizer mais coisas.

Por outro lado, que alguns jovens ainda se preocupavam com a beleza, como  
por exemplo, para manter o rosto limpo e sem sarna ou pano branco ou pre-  
to passavam pimenta na face. A pimenta não ardia muito tempo, mas que da-  
va para aguentar tranquilo. Os velhos chamavam isso como bia-õ'she, o  
quer dizer, passar pimenta no rosto. Depois que passavam a pimenta ti-  
ravam umas folhas, que amassando-as saia pequena espuma e com isso limpa-  
vam o rosto quando tomavam banho. Essa planta chama-se kaxpe-ni'khê, o  
quer dizer planta para embelezar o rosto. Tem também outra planta que tem  
latex, e essa planta eram também para tirar a sujeira do rosto. Para isso  
o látex era passado no rosto e quando seco (crosta) era retirado do ros-  
to deixando assim para pintar ou embelezar com caraiuru ou urucum.

Cuidavam também de vista. Pegava uma folha e faziam pequeno funil contendo pimenta esmagada, colocavam um pouco d'água e pingavam nos olhos e fossas nasinas para manter em bom funcionamento as vias respiratórias; não sei se eles faziam com modos exagerados, mas é isso que tenho visto.

Procuravam matérias para fazer os seus instrumentos musicais com muito amor e guardavam-nos num lugares onde as mulheres não podiam tocar, porque, segundo eles, que esses instrumentos ficariam sem espírito ou que levaria para uma desgraça.

A mãe ou irmã e mesma parenta de qualquer jovem que estivesse preocupado ou voltado para isso ajudavam no cuidado dos instrumentos para que pessoas estranhas não mijassem em cima disso, ou que as moças não esfregassem nos seus órgãos genitais. Geralmente esses manteriaais eram: o caniço para pescar, a flecha e o arco, o pequeno funil do tipo conta-gota para pingar pimenta. As razões para isso eram as seguintes:

- caniço - que o peixe seria muito arisco, é assim que o homem saísse para pescaria, que não pegaria muito peixe, e logicamente a mulher ficaria brigando com marido quando os filhos começassem a chorar, quando estes ficassem com fome,

- arco e flecha - que involuntariamente o homem deixaria de utilizar ou que a pontaria não daria mais certo devido estrago;

- funil de folha para pingar pimenta nos olhos ou nas nasinas - que deveria ser jogado em lugares escondidos ( no mato ) para que as mulheres não urinassem em cima do material usado, porque sairiam muita acne no

rosto e que apereceria panos bracos ou que não daria bem para se enfeitar. E tinha outros pensamentos complementares, como por exemplo, que a caça de um cahorro novo não poderia ser dado para todos presentes, e sim devendo ficar para donos; e mesma coisa acontecia com puçá ( wê'xkhè - espécie da tarrafa para pegar peixe) e anzóis para peixes grandes e médios. Diziam também, que os jovens não poderiam tentar de alcançar nos órgãos genitais de mulher, pois se esta lhe desse fora (batendo a mão), que logicamente estaria tirando sua pontaria para flechar peixes. Também que não poderia ver os órgãos genitais da mulher, porque a vista estragaria logo e quando o homem fosse focar peixe de noite e mesmo de dia, que não veria muito bem. Diziam os que o Kõrẽ (byceta) também tem praga para estragar a vista do homem. O complemento do costume dependente e não do meu povo é que os jovens não poderiam se aproximar das mulheres menstruaças, se caso estivesse dedicados aos conhecimentos de mitos, porque segundo eles, perturbaria psiquicamente. Porém, outros jovens se aproximavam assim mesmo para que elas deixassem mordem a língua para se livrar do agar e assim também com senhoras que acabavam de parir. Um dos pontos que os velhos mais exigiam das mulheres, é que estas deveriam respeitar muito nos itens que acabo de mencionar. Eu creio que essas coisas já não existem mais.

Também tenho participado de grandes solenidades, como por exemplo, nos Dabucuris ( p'oshe). Eram umas das maiores festas, e nesses dias dava para ver muita gente de outras aldeias que se reuniam numa só casa grande e assim celebravam seus ritos com uito respeito e se sentiam bem. Esse

tipo de festa nunca fora novidade para meu povo, pois isso se fêz já em nossas origens, e a prova disso nós temos contos belíssimos e dizem como fora o começo desse tipo de festa. Bem, não vou contar agora, talvez nos textos posteriores.

Nesse tempo já não se fazia com toda força de solenidade, pois segundo velhos, muita coisa já haviam sido desaparecidos devido o processo de civilização do mandô dos brancos, mas mesmo assim, para quem nunca viu era muito maravilhoso e dava para acompanhar toda cerimônia.

Uma dessas cerimônias ocorreu com os Deçano de São João e Santo Antônio, e os Tukano de São Francisco (meu povoado) e Santa Luzia (parentes nossos) Foi da bucuri de buriti. No meu povoado havia um parente nosso que se chamava Eduardo e era casado com uma deçano de São João, irma~ do chefe que se chamava Livino Lana. Esses deçano têm alguns buritizais, talvez sejam entre quase todos d'aquela trecho do rio, e tenham facilidade de ajuntar alguns paneiros. Esses buritizais ficavam distante das aldeias, e por isso tinham que ir no mato para passar durante alguns dias e depois transportar esses frutos.

É costume de minha região, que quando alguém quer comer alguma coisa, geralmente os homens que ficam querendo fazer mais solenes juntos com os membros de outras tribos, procuram então fazer acôrdos para ver se dão uma grande quantidade de presentes. Assim, inderetamente ou não a tribo que recebeu presente sente a obrigação de retribuir com outro tipo de presente. Foi isso que aconteceu com meu povo, porque os tukano por sua vez tiveram que retribuir com certa quantidade de peixe. Tenho visto da bucuri de cucura, de pupunha, de maniva, de mandioca que acompanhava ta-

pioça, de cunuri, de ucuqui, de caça e mesmo de materiais domésticos de cozinha, e tem outras coisas a mais que não sei se valeria mencionar.

No caso dessa festa que vou relatar, eu não me lembro quando fora, porque eu era pequeno e esses negócios de fiscalizar tempo - meses e dias - para mim não interessava. Também isso foi devido a influência do meu povo e se a gente controlava era pelo tempo de frutas ou não, e essa coisa será contado nas páginas posteriores.

Eduardo Sampaio era senhor que tinha capacidade de entender bem sobre os mitos e era a membro de segunda família importante de nossa aldeia, e assim tinha uma influência política entre outros tukano. Foi esse homem que deu boa mensagem aos tukano do meu grupo de que os deçano de São João iriam trazer alegria - que fariam dabucuri de buriti. Os tukano de São Francisco e de Santa Luzia ficaram contentes, e logo pensaram arranjar comida e muito caxiri para dar aos deçano.

O meu avô João que era conhecedor de mitos e de cerimônias passou fazer rezas preparativas para que não acontecessem certas doenças no dia de festa e mesmo fizeram os deçano. Durante todas as noites os homens se reuniam para ouvir os mitos e cerimônias específicos para esse dia, porque é obrigação de cada homem saber os atos solenes. Foi uma maneira de instruir seus filhos, os mais interessados acompanhavam com seriedade, porque os velhos também nem tudo ensinavam, e quem quisesse conhecer as cerimônias mais pesadas - beneficentes, e raramente as pragas para quem soubesse guardar, que esses jovens tinham que ser muito obedientes às exigências dos mestres. E disse meu avô, que parecia até brincadeira,

que davam muita lembrança de sua mocidade quando as solenidades foram ma  
is sérios e bem participados.

Também tenho visto os jovens prepararem os instrumentos musicais, a mu-  
lheres que preparavam tintas para pintar o rosto ( caraiuru) e outra para  
os braços e pernas. Elas eram bem dispostas e iam para roça arrancar man  
dioca, porque algumas bebidas tinha que ficar fermentando até três dias  
para ficar mais forte e apreciado pelos festeiros. Em verdade, a maneira  
de dar bebida boa para festeiros dava muito valor a mulher, porque segundo  
os velhos, era esta quem tinham boas mãos para trabalhar. As bebidas que  
eram mais fortes eram essas: ãre-ko, caxiri feita com caldo de cana e mis  
turada com outros fermentos como batata doce ( ãaxpĩ ) e outras qualida-  
des de batatas. Nesse caso, cabia a mulher selecionar o material bom para  
fazer o caxiri, e os homens faziam outras atividades, como por exemplo,  
carregar mandioca, cana, carregar grandes feixes de lenha, caxitarootcamu  
ti para por o caxiri ou então numa colcha apropriadas para por essa bebi-  
da. Era de muito trabalho, mas todos animados aguardavam o momento de ini  
cio, e chegava o dia marcado. Quando isso acontecia, todos estavam bem  
após ter fumado o cigarro benzido por meu avô João, o breu, também ben  
zido que de sua fumaça a gente tinha dar um cheiro para não pegar doença  
ou até mesmo que corpo fosse quase que defumado, isto é, que pelo menos  
a fumaça tinha que cobrir o corpo por alguns segundos. Essa maneira de  
praticar ato cerimonioso era também para que não acontecessem brigas ou  
fofocas ou então, para os homens não fizessem o jogo de pragas entre si.  
Como não tínhamos o vaso apropriado para por o breu bento, geralmente o

meu avô costumava colar em cima de um pedaço de cerâmica quebrada, e colocava cinzas e pouco de palha de capim para desse mais fumaça. Mas, antes ele colocava o breu numa pequena cuia ou numa tijelinha ou mesmo num caneco e ficava rezando baixo, e pronunciava baixo e rápido que não dava nem para ouvir o que ele dizia na reza. Assim que terminava chamava as crianças, os jovens e velhos para que viessem cheirar o incenso, e ficava abanando com wẽrĩrõ (abano), passava de casa por casa para benzer as famílias e quando acabava de passar por todas as famílias presentes deixava o resto de breu bem no meio da aldeia, e desse jeito subia uma coluna de fumaça branca ass céus. Segundo os velhos, que essa fumaça ia para Avô do Mundo ( ǂmẽ-kho-ñexkẽ ). Em muitos lugares de minha região esse tipo de cerimônia ainda é viva, porque para o povo que sempre viveu num clima de festa e de muita ordem religiosa, que por mais que seja visto como mal por outros vindos fora, que ainda continuamos acreditando. Também essa forma de demonstração significa que o povo sua autonomia religiosa, e pensando nas religiões, achamos que nós temos uma visão boa em cima disso. Essa forma de benzer nós chamamos como we'-ti-ro, o que quer dizer, proteção.

O começo mesmo sempre partia por volta de meia noite, quando todos jovens acordavam para tomar banho, para tocar seus instrumentos, e nas redes os filhos ficavam em clarividência para ver como seria a festa. Era uma animada, as mulheres aprontavam grandes quantidades de bebidas, os homens iam ou voltavam da pescaria, e era um amanhecer alegre, os tambores continuavam dando o sinal de festa. Em geral, isso sempre aconteceu quando fosse às 2hs da madrugada, porque seria uma melhor hora para tomar banho

e despertar os vizinhos batendo nas águas e que procuravam também barulho ou soprando com palmas das mãos fechadas. Também as mulheres faziam o mesmo, uma animando outra, batendo nas águas. Os jovens quando voltavam do porto experimentavam a bebida e ficavam tocando seus instrumentos. As crianças eram os observadores, tomavam pouquinho de caxiri, mas o que eles faziam mais era comer muito bem, os maiores ficariam tomando conta dos menores. Essa maneira de cuidar os meninos cambiavam mais com as meninas grandinhas, porque as velhas ficariam o tempo inteiro na festa. A presença de mulheres velhas na festa seria para vigiar as moças, porque segundo elas, que os homens de outras tribos lhas raptariam, e vice-versa. De fora as meninas estariam fazendo o mesmo - vigiando suas parentas e não deixar as crianças chorarem, dar-lhes banho, e chamar a mãe no caso de dar peito. De lado, para os meninos era mais livre.

Eu sei dizer que São Francisco amanheceu numa alegria, e quando foi por volta das 8:00hs chegaram também os nossos parentes de Santa Luzia e fora recebidos por nós, e logo começaram fazer conversa para ver como seria introduzidas as partes solenes pelos Deçano. Como era de costume comeram pimenta com beiju, mas a maioria dos homens ficaram fora, porque iriam tomar caxiri e que não queriam estragar o estomago comendo a comida de todos os dias. Outros comeram e ficaram aguardando a chegada dos Deçano de São João e de Santo Antônio que também tinham tocado seus tambores para melhor comunicação solene. Foi nessa hora que todos começaram pintar seus rostos e alguns homens tomavam caxiri e fumavam o ci

garro de cerimônia. Também tenho visto, que de modo geral, os velhos não se pintavam e se preocupavam mais com as coisas de ipadu para ver se seria suficiente para um dia e uma noite. Enquanto isso se escutava os tambores dos Deçano e o barulho aumentava à proporção que vinham chegando mais perto.

Passado algumas horas apareceram algumas canoas dirigidas pelos jovens e que estavam cheias de buriti. No fim estirão do rio o meu pai tinha o caminho da roça e foi lá que os Deçano pararam e ficaram esperando os outros que vinham de trás. O pessoal de São João e de Santo Antonio sempre foram companheiros para esse tipo de festa. Isso acontece, porque eles são irmãos e o que lhes serem distintos foi o sobrenome dado pelos missionários, Lana são os de São João e dos Santos os de Santo Antonio.

Bem para começar, antes já era animado, mas dessa vez era mais. Eu sei que era por volta das nove da manhã quando aportaram as primeiras canoas grandes bem carregadas de buriti. Eu e outros meninos ficamos de perto para ver o que iria acontecer naquela hora. Os jovens que vinha remando eram Benedito dos Santos e outros jovens de Santo Antonio e também me lembro do Luis Lana e outros de São João. Estavam todos enfeitados e logo começaram desembarcar buriti, e como não tinham paneiros suficientes para carregar nos pediram para que viéssemos avisar aos nossos pais buscar alguns paneiros ou aturás. Como de costume os nossos pais arrajaram vários paneiros e logo corremos ao porto para entregar os cestos. Assim fizeram outros também, e quando terminaram deveria per pelo menos uns

40 a 50 paneiros de buriti. As canoas em que vinham as famílias visitantes eram menores, pois também só traziam gente e bagagem. Logo que todos chegaram ao porto, então, o chefe da festa que era o Sr Livino Lana, chamou os meninos Tukano para que fossem buscar paneiros para colocar neles os frutos que traziam em suas canoas. Eu era um d'aqueles pequenos nadado e gostava de festa, assim, corri também em direção a minha casa para apanhar uns paneiros, e outros garotos também correram para avisar aos pais, principalmente ao Sr Eduardo que estava mais perto de qualquer responsabilidade por ser cunhado. Também eu me lembro que o nome da esposa do senhor Eduardo chamava-se Alcidia Lana e em tukano agente se diz Arcidia. Esse pedido foi bem depressa e o pessoal de casa também ficaram animados, porque era início da festa. Os pais deram, então, os paneiros aos meninos para que levassem aos Deçano, e assim, aos poucos foi se acabando a correria e no porto os Deçano começaram encher os buritis que estavam nas canoas. As pessoas que trabalhavam mais eram os rapazes, enquanto os velhos só davam instruções e as velhas estavam mais agarradas com as crianças por serem avós. As mães mais jovens e outras moças estavam muito bem pintadas e também os jovens e casados.

Os velhos tinham por obrigação, para dirigir todos os atos solenes ( ritos) e as velhas para tomar conta dos netos e outras crianças, e por mais engraçado que nos pareça, a mais séria obrigação mesmo era de vigiar as moças para essas não fossem roubadas pelos jovens. No caso de pegar mulher, por se tratar de modo especial, agente se referia na cópula. Se houvesse essa atitude ou então houve em outras festas, segundo os velhos, seria qdo as mulheres saíssem a fora para verter água. Então, os homens mais esper-

tos ou que estariam com esse tipo ou seja de ambição, correria por trás das mulheres e agarraria na marra. Isso poderia acontecer com as Tukano e Deçano. Assim, quando as mulheres saíam para mijar, as velhas seguiam-nas em bando sem distinguir as tribos e outras meninas também vigiavam suas irmãs ou tias. Essa vigilância fazia parte da cultura tradicional, porque se não houvesse esse tipo de trabalho, de vigiar as moças, que segundo os velhos provocaria uma desgraça - que uma mulher solteira poderia ficar prenha e logo entresteceria seus irmãos ou pais e parentes, e por cima o filho ou sendo menina que não teria apoio do povo ou seja que não teria toda moral em meio a sociedade. Era por essa razão que as velhas não deveriam tomar muito caçiri. Também isso se referia, que assim elas controlariam a bebida ou que não deixariam os homens brigarem e tudo mais.

Para bem dizer, de modo geral, os velhos sabiam muito bem todas partes da cerimônia, porque no tempo deles as festas eram mais animadas por serem do tempo tradicional e o que não acontecia no meu tempo, pois todos estávamos em plena cristianização, e como prova disso, muitos dos jovens solteiros e casados que ali estavam eram todos ex-alunos de Dom Bosco.

Quando os dois homens, o sr Livino e Sr Lino dos Santos pegaram o Japurutu para tocar, aí sim que a festa animou mesmo, e ao lado deles estava duas moças que eu me lembro de uma, que era CARU, segundo os Deçano, a filha do Sr Eduardo Lana, e não sei quem era a outra. Mas, os dois pares dançaram tão bem que todos ficaram atentos e calados e foi um momento de muito respeito entre os velhos que mais conheciam os ritos. Os dois que tocavam essas flautas iam na frente de muitos homens, porque os de trás só levaram os paineiros de buriti, em forma de procissão para ofertar os melhores presentes do momento, e isso sempre se fez através de dabucuri para alegrar e confra-

ternizar entre todos os cunhados e ou então buscar mais paz e harmonia como membros de uma só cultura. A subida do porto era um pequeno barranco e logo começava bem plano. Assim, os homens tocadores partiam do plano em direção a casa do meu finado tio Antonio que ficava uns 200 a 300 metros da distância do porto. Eu sei que essa forma de subida solene se fez várias vezes, porque tinha muito gruto e que mais tarde os demais homens começaram a tocar umas pequenas flautas que nós chamamos de Mawaku, que é, então, feito de embaúba. E como não tínhamos nenhum material fotográfico para documentar as nossas cerimônias ou mesmo para gravar, não nos foi possível obter as lembranças ou formas para continuar efetivamente os nossos costumes. Parecia que tudo iria permanecer, mas o que não aconteceu. E se isso aconteceu e se correu tudo bem, foi devido as presentes pessoas conhecedoras nos assuntos desse tipo de cerimônia. Também uma coisa que ficou na minha cabeça até hoje, foi que um dia teríamos de escrever esse tipo de saudade, mas que isso será de fato um reforço ou retomada de nossa organização para a segurança de nossos futuros filhos.

Continuando no assunto, quando os deçano levaram os frutos para perto de casa, não levaram logo para dentro de casa, e sim deixaram perto da porta de casa, uns uns 5 a 8 metros de distância. Entre os frutuos se encontravam também o buriti mole, que era então só a massa, pronto para preparar o refresco para as crianças ou fazer çhibé, que em tukano chama-se po'ka e quando se é misturado com refresco de buriti se diz ne'ëko, porque está contido num líquido misturado de buriti. Em tukano esse buriti que estava em pasta di-se ne'ë-ake. Os jovens que recebiam os festeiros procuram então dar umas cuias de bebidas fortes para esquentar a barriga, e isso se fez com o pessoal, ainda, fora de casa. Nesse momento os tukano não davam as boas

vindas, porque assim era o costume. Depois, quando todo buriti estava perto de casa, os dois homens que tocavam *Mãpurutu* entraram de forma solene para dentro de casa e deram umas três voltas dentro da maloca, e quando isso aconteceu, os de dentro trocavam palavras, e essa forma de cerimônia eram uma suadação entre os dois grupos que estavam em festa. Os tons de muita alegria e de outros sentimentos se faziam ressoar no interior de cada alma ali presente, e para os mais velhos, simplesmente refletia os valores que foram embora com a chegada civilização. Assim que deixaram de tocar *mawaku*, os visitantes ficaram em fila para receber os cumprimentos, e aí que todos trocavam as saudações entre si, e cada saudação, principalmente, dos velhos durava pelo menos uns três a cinco minutos. Logicamente, toda essa cerimônia ficava em torno de meia hora e mais vinte minutos para comer o peixe que os tukano davam as crianças ou para mulheres que estavam afim de comer. Do outro lado, as mulheres ficavam fazendo outra fila e seguiam para o lugar marcado e sentavam, e logo também vinham os homens tukano fazer ou trocar as saudações. Depois que os homens cumprimentavam vinham as mulheres dos tukano. Ai era meio engraçado, porque cada mulher se expressava na sua língua, que no caso no meu povoado tinham mulheres deçano, tuiuka e Tukano. Depois que todos foram cumprimentados, partiam as mulheres para ficarem nos lugares reservados para os festeiros, porque eles tinham que dormir depois e deixar os filhos bem abrigados. Ai não havia muito problema, porque muitos iam a casa de um dos tukano e estava assim resolvido. Geralmente, os homens não comiam, e sim fixavam bebendo ou trocando risadas de saçanagens com as tukano ou vice-versa. A seguir as mulheres do tukano iam guardar as panelas de pimenta e balaios de beiju. Passavam-se uns minutos a mais, quan

do então, o chefe Livino Lana deu uma chamada (atenção) aos seus homens, e dizia mais ou menos assim: "Pronto meus irmãos, meus osbrinhos, meus tios e todo mundo. Creio que chegou a hora de proseguirmos a nossa cerimônia. Portanto, respiremos bem e vamos de novo.".. Também, ao mesmo tempo avisava aos tukano que estavam em casa para que todos prestassem muita atenção, porque seria o momento mais solene do dia - a grande entrega de presente para a família tukano. Em tákano, essa parte de cerimônia chama-se po'oshe mi-shörörõ, o que quer dizer, a entrega de presentes para dentro de casa que também era feito de muitos tempos, umas tantas vezes como se fêz quando se descarregou das canoas. Quando todos frutos estavam dentro de casa, então, os deçano ficavam em forma de fila e tukano de outro lado e no meio ficavam os buritis. Então, os velhos narravam as histórias antigas dos primeiros homens que celebraram esse tipo de solenidade, a transcorrência do tempo e importância e significado dos mitos para melhor formação de seus filhos. Eram uma poesia sagrada dos velhos, e ao passo que dizendo as palavras, os sacerdotes da festa cantavam. Era o tempo em que cada um demonstrava sua sabedoria para outro irmão e no nesse momento é que os velhos aprovavam a conhecimento de cada pessoa, e este conseqüentemente passava a ser respeitado pela comunidade toda. Depois que os homens terminavam a festa ou solenidade de entrega, vinham as mulheres para agradecer aos deçano e também diziam palavras muitas bonitas e referiam nos costumes tradicionais dos nossos antigos. As mulheres diziam assim, mais ou menos: "o senhor nos trouxe o melhor presente, porque nos ama mesmo. Nós estamos aqui para receber todo esse carinho e nos recebemos de abertos sob de casas de nossos maridos que são os cunhados, e os senhores sempre nos darão mais alegria... E que isso deve continuar para sermos felizes para esquecermos das tristezas"

Outras mulheres diziam: Sim, meu tio. Vou comer o teu buriti com muito gosto, porque sabemos que foi muito difícil e perigoso foi o trabalho de sua gente para colher todos os frutos. Estamos aqui para dar-te as nossas bebidas que também custaram muito sacrifício, e esperamos que vocês fiquem bem contentes porque somos as irmãs e sobrinhas de vocês mesmo...."

Depois do agradecimento das mulheres, o chefe da festa por parte dos Tukano saía então para retirar os presentes que estavam dentro de casa. Logo, todos os rapazes e também os idosos interessados iam no meio da casa para levar os presentes para fora de casa, e lá que todos os tukano recebiam cada um seus presentes. O chefe da festa distribuía para todos, e ninguém ficava sem fruto dos deçano. Isso acontecia por volta das quatro da tarde, e dentro de casa a bebida circulava e os jovens dançavam Karisu. Aqui a festa era mais animada, porque muitos estavam um pouco alto de caxiri e os velhos trocavam as cerimônias entre si dialogando, como sempre se fêz. Depois os tukano voltavam para continuar dando bebida aos visitantes, e quando o sol estava para sumir sobre as copas das árvores, então, os deçano começavam dançar novo mawaku, e saindo para fora de casa quebravam suas flautas solememente e quem não quebrasse dava aos meninos tocarem e se divertirem entre os velhos. Era fim desse tipo de dança com mawaku, e os jovens prosseguiam tocando karisu a noite inteira, e de vez em quando os velhos tocavam também Yapurutu. Os velhos, geralmente se ajuntavam em grupo para cantar antigas melodias de cerimônia, e proporção iam ensinando seus filhos com todos detalhes e era também uma forma de ensinar aos outros jovens que não tinham pai ou tio para ensinar nos quaisquer dia. O modo de ensinar as cerimônias aos mais jovens não era tão fácil, porque os velhos suvinavam demais as ciências, e assim, quem não tinha pai conhecedor de tudo isso, que dificilmente a

prendia. Para encontrar uma forma de aprender, geralmente os jovens tinham que ser muito obedientes aos velhos e fazer de acôrdo as suas exigências. Assim que os velhos ensinavam com todo cuidado. Essa maneira de alegrar os velhos era um pouco fácil, que só era fazer patu ( ipadú), porque assim que o velho ficava com essa pasta na boca ficavam calmos e pensavam bastante e sem afoobar iam contando as histórias antigas ou mesmo os mitos e estórias, porque é através desses conhecimentos que os velhos fazem cerimônias. No ponto de fazer uma avaliação ao jovem, que os velhos pensavam logo e diziam na cara dele, para ver se estava aprendendo ou não. Isso era fácil de fazer porque os velhos eram dotados de clarividência e viam o que estava circulando no pensamento. Por exemplo, eu tenho visto que uma vez o meu avô paterno ficou brabo e chamou atenção ao meu pai, porque este não estava acompanhando seus ensinamentos, e sim, segundo o avô que, estava em outras besteiras. Era isso que os velhos ensinavam.

As mulheres vinham em grupo trazendo suas bebidas aos jovens, aos velhos e muitas cantavam e que citavam umas poesia em língua tukano ou nas outras e os homens ficavam mais animados e acabavam bebendo. Assim, quando isso acontecia muitos jovens ficavam porre. Acontece que também os homens iam onde estavam sentadas as mulheres, e cantando ofereciam caxiri e aí havai muita troca de bebida. Agora, os homens que não sabiam controlar bebida oferecida pelas mulheres acabavam se embriagando e iam dormir na redes. Bem, quem ia dormir perdia o resto da festa e no dia seguinte seria a pessoa que levaria muita gozação por não ter aguentado as cantadas das mulheres. Em alta hora da noite, as velhas que estavam com muito sono iam dormir e como também outras mulheres, e poucas que ficavam para continuar na festa é que elas

gostavam mesmo. Quando amanhecia, alguns jovens iam tomar banho e outros de muita ressaca também faziam o mesmo, porque quando fosse por volta de sete a oito horas todo mundo ia comer alguma coisa. Depois da pimenta da manhã, alguns que não queriam continuar ficar no povoado dos tukano iam para suas casas e outros ficavam dormindo, e os meninos bricavam como sempre ou senão iam tomar banho no porto. Era assim que terminava a festa.

Esse tipo festa que eu assisti, tanto no meu tempo de infância e ainda hoje se faz em muitos lugares do Alto Rio Negro. Também posso dizer, que uma vez os tukano do meu povoado foram para uma festa de milho, quando então, o chefe deçano de Umari Igarapé Francisco, que o apelido dele era muito conhecido como pãmõ ( tatu ) nos fez o convite. Bem, eu tinha o meu tio que chama Pedro Sampaio que era casado com uma mulher dessa tribo ou grupo de deçano, e cuja mãe também era. Acontece, que antes da chegada dos brancos ou de civilização, que nós já tínhamos amizade com essa turma de deçano. Portanto, que não era novidade. Assim, tivemos que sair de São Francisco quando era por volta da sete horas da manhã, fomos subindo o rio até chegar Bela Vista, e de lá fomos pelo caminho e andamos alguns quilômetros e chegamos num povoado que fica dentro do Umari Igarapé - Jandu Cachoeira que era uma aldeia de outros tukano, também de sobrenome Sampaio. Mas, não tinham nada que ver entre a proximidade de nosso grupo Tukano, mas que estes também eram os cunhamos mais próximos dos deçano. Esse lugar era muito bonito, tinha uma cachoeira e onde terminava a correnteza tinha bastante que estavam querendo subir ou vender as correntezas. De noite alguns tukano foram pescar e outros ficaram dormindo ou conversando e preparando os cigarros de cerimônias para todos os presentes. Era o cigarro de defesa, feito pelo meu avô João .

O povoado em qual celebrariamos a festa ficava numa distância de um quilômetro acima de cachoeira e se chamava São Sebastião. O Jandu Cachoeira em Tukanó chama-se b̃xp̃ã e outro povoado, b̃xp̃ã-puró, o que quer dizer, lugar onde a água não chegar ter correnteza ou semi-empoçada.

Quando era por volta das três hora da madrugada os nossos parentes foram dar uma espiada e tomaram um pouco de bebida. Sei dizer que elas voltaram todos alegres. Quando eles chegaram as mulheres desceram ao porto para tomar banho e logo mais os passarinhos começara a cantar. Comemos alguma coisa e depois alguns foram pelo caminho e outros pelo rio. A maioria foram pelo rio, porque todos deveríamos chegar juntos. Ao enconstar ouvimos um canto de pássaro que se chama dixtiró. Esse pássaro disse: t̃i-whê! oO que para nós significa que alguma coisa de desgraça estava para acontecer. O meu avô João ficou espantado, e segundo ele, que alterou a respiração de tranquilidade, e disse: " Opa!" E dizendo isso, fêz a menção de estar se defendendo de alguma e também fazia de que estava tirando alguma coisa da boca para jogar fora. Todos ficaram murmurando, porque sabiam que alguma iria acontecer mas que ninguém sabia o que e de que seria. Foi então, que o meu avô disse que para nosso lado não haveria nada de desastre, mas alguma coisa triste estava próximo a acontecer com uma pessoa dessa festa. Assim, ele chegou perto do meu pai e acendeu de novo o cigarro e deu a todos, e depois todos fomos subindo em direção a casa da festa. Todos ficaram contentes, mas os verdadeiros festeiros que nos ofereceriam milho ainda não haviam chegado, porque moravam num povoado mais distante, e logicamente chamaram mais gente para ajudar. Assim ficamos aguardando em casa, e ficamos tomando caxiri. E quando era por volta das nove e meia chegaram as primeiras canoas bem cheias de milho e logo começara a descarregar.

A festa foi bem desenrolada, também chegaram alguns jovens de Pari Cachoeira. Não foi tão longa, porque tinha muita gente e também a bebida não durou muito. Assim, no dia seguinte voltamos para São Francisco. Acontece que, naquela noite uma mulher ficou muito doente e veio falecer um dia depois. Era uma mulher Tukano de Jandu Cachoeira, casada com deçano de São Sebastião. Ficamos muito tristes, mas que também que deu a confirmação do meu avô João.

Também temos feito várias solenidades com o pessoal de Santo Antônio, povoado deçano, com pessoal de Cucura ( deçano), e mesmo com os Maku de Nova Fundação. Com esses últimos foi a pouco tempo, quando os missionários haviam-nos concentrados num só povoado para evangelizar(1972).

Também, mais ou menos quando eu tinha uns 8 anos viemos para fazer pescarias perto d'um povoado Tukano que se chama poari-nê, que em português se diz ao contrário. Serrinha. Nós fomos com o pessoal de uma tribo Miriti, porque a minha vovó materna era dessa tribo. Mas, não pudemos pescar, porque logo que chegamos choveu muito e logo os lagos ficaram cheiros de muita e dificultou toda pescaria. Passamos uns dois meses, e quando terminou o rancho tivemos que voltar. O meu pai ficou muito sem jeito e se me parece até discutiu com os miriti por eles ter demorado para botar timbó nos lagos. Quando chegou o mês de março, tos alunos que estavam conosco voltaram no barco da missão. Esse barco até hoje está em Pari Cachoeira, e foi dessa vez que chegou o primeiro caminhão na minha região e foi um comentário entre muitos índios. Não sei em que ano foi. Nessa viagem eu também fiquei muito doente, e quem me curou foi um pajé que se encontravam em Serrinha visitando os parentes. Era um velho deçano, logo o parente de minha mãe.

Quando essa doença foi logo quando fomos baixando rio abaixo, perto de Cunuri, num lugar que é conhecido como m'õ, era lugar muito raso quando na época de verão. Porém, o pajé que estava em Serrinha já tinha me visto no sonho dele e estava me esperando para fazer uma cerimônia. Não sei como era o nome verdadeiro dele pajé, mas sei dizer que o pessoal chamavam-no de SIRIPÓ, e era o morador de Turi Igarapé. Se eu estou vivo até hoje é porque essa cerimônia valeu mesmo.

#### Minhas pesarias na infância.

Em tukano chama-se wai-dhesushé, isto é, todas as maneiras de pescar. Na minha cultura essa arte de pescar não é qualquer sujeito que tem jeito, porque se me parece, que isso depende de muito jeito e o gesto. Dizia o meu avô João que no tempo que ele era jovem tinham mais peixes, porque naquele tempo não havia tantas pragas. As pragas que aqui refiro, é que quando uma mulher parir o velho faz uma cerimônia para afastar os esperíttis maus que estão no fundo das águas. Esses espíritos seriam wai-mãxsã, peixes que, com seu espírito agressivo podem provocar uma doença ao pai ou a mãe da criança ou mesmo na criança recém-nascida. Segundo o meu avô, que os kumũ jovens, não sabendo bem as cerimônias não espantava os espíritos maus e sim os próprios peixes, e que devido isso é que tinha pouco peixe. De fato, antes da chegada dos missionários e outros brancos, que o rio Tiquié sempre teve muito e que por isso vieram os pais dos moradores atuais, atraídos pelos peixes. A descoberta do rio Tiquié, segundo os velhos faz tempo, e que os Maku daqueles tempo sempre vinham fazer suas pescarias durante alguns dias e depois voltavam com muito peixe. Um desses grupos Tukano que tinha como seus empregados, os quais eram os Maku eram nossos parentes do grupo ñahori, que hoje

são família Azevedo e residem em São José. Antes, todos os nossos antepassados estavam mais concêntricos no rio Papuri e seus afluentes. A conquista pelos índios começou depois que muitos grupos indígenas foram massacrados pelos brancos que ali chegaram matando muita gente. Esses grupos que foram massacrados eram waia'rã, eruria, pã'rêrõã, pë'kã-yuxkêroa, buxpu-mãxsã e outros que também perderam gente nas batalhas. Assim os primeiros conquistadores ocuparam os melhores lugares de pescaria, isto é, grandes lagos e de igapó. Também foi fácil ocupar os espaços físicos, porque como eu disse, que os moradores legítimos foram massacrados. Dentro os grupos mais guerreiros tem sido a dos Miriti que travaram sangrentas batalhas e que sempre souberam dominar o invasor fazendo emboscadas. Nos dias de hoje, muitos de nossos parentes sabem dos lugares por onde se travaram essas guerras. Devido a sua bravura, também, os miriti conquistaram uma região de lagos e que até hoje continuam sendo donos. Assim, na minha região, por mais que seja desabitada sempre pertence a um grupo de família, e logo todos passam respeitar para não arranjar encrencas. Sobre as batalhas que escutei dos contos do meu avô, vou narrar d'aqui a algumas páginas, porque eu creio que servirá para muita gente indígena para refletir sobre a perda de terras e por que ainda continuamos desse jeito em meio pleno muita aculturação.

A minha tia, a irmã do meu pai se chama Júlia e foi criada nos primeiros anos da chegada dos missionários no rio Tiquié. E como a minha vovó era da tribo miriti, em troca, a minha tia teve que casar com sobrinho de minha avó que se chama Angelo, que era o filho de Antonico, muito conhecido por ser um homem brabo e falador e que também participou de umas guerras contra os brancos. Esse grupo veio de Japu, que é pequeno afluente do rio Caiari ( Uapés) e situa-se um pouco acima de Ipanuré Cachoeira.

Quando a minha avó era ainda criança ouvia seus pais falarem em sua própria língua, mas devido a grande dispersão que houve com a chegada dos brancos, porque muitos foram parar nos piaçabais de Venezuela ou mesmo do Rio Negro e Rio Branco, e devido por outros motivos morreram e conseqüentemente a língua desaparecendo. Hoje, e já mesmo no tempo de infância de minha avó, só poucos que conheciam essa língua. Agora, como tantas outras tribos, eles só falam Tukano, e mora em dois povoados de Pari Cachoeira - Ixaiti e São Tomé, entre esses povoados há outro também na paróquia de Taracúá que se chama Vila Nova. Não sei quantos serão ao todos, mas devem ultrapassar na casa de cem habitantes.

O meu avô João sempre costumava vir pescar perto do genro dele, porque o parentesco de minha avó se baseia pela maioria de Ixaiti. Assim, antes de umas grandes pescarias, no tempo que era mais novo, reunia todos os parentes para tomar e comer alguma coisa pela manhã e depois dizia que estaria pensando. Na certa ele convidava os seus parentes para prepararem os alimentos, porque isso levava um tempo razoável para fazer farinha para "x" dias. Esse tipo de pescaria nós chamamos de wai-puashe, o que quer dizer, botar timbó nos lagos ou nos rios para matar peixe. E quando era verão era melhor ainda, porque os peixes estavam nos lagos. Bastava chegar às margens do lugar onde todos iam se concentrar e depois fazer uns pequenos tapiris para abrigar os meninos e como também a bagagem. Geralmente, esses lagos não ficavam pertinho da beira do rio, e que conforme a distância era preciso arrastar as canoas pelo varoudouro até chegar no lago. Era bom trabalho, onde então todos participavam de vida comunitária. No meio de tanto trabalho sempre tinha uma exigência dos velhos aos meninos: que não podia

podia muito barulho para não acordar os wai-mãxsã, porque senão estes mandariam trovoadas e naturalmente que o lago ficaria cheio de água ou que então provocaria uma grande enchente. Ai sim, que não tinha jeito para botar timbó no lago, porque muitas vezes até estragava todo o trabalho. Outra exigência se fazia para as mulheres que estavam prenha ou para quem estavam próxima a menstruação, que estas deveriam participar as velhas para isso fosse transmitido imediatamente ao sacerdote do grupo para que fizesse cerimônia para acalmar o wai-mãxsã. Para o homem casado, quando ele tivesse sua esposa prenha, que também não podia fazer muita extravagância para não pegar doença que os wai-mãxsã poderiam causar.

Enquanto caíam todas essas exigências para todos, muitos dos garotos partiam em direção ao lago para pescar e voltavam quando começava a escurecer e todos comiam, e descansavam. Assim, quando a noite era cheio de estrelas os velhos ficavam contentes e diziam que o Avô do Mundo estava bem com eles, e os velhos comiam um pouco de patu ( ipadu) e fumavam o cigarro de cerimônia, e sem fazer muito barulho ficavam conversando. Nessa conversa eles programavam como vai ser no dia seguinte, porque já durante o dia alguns jovens ou mesmo alguns senhores derrubavam uma grande árvore para fazer pilão ( pãmõã) para socar o timbó. As moças ou senhoras casadas, também os homens carregavam lenhas para moquear os peixes, e os giraus também estavam a ser feitos, e etc. Era o fim do dia, e na madrugada do dia seguinte, quando fosse pelo menos umas duas horas do três, os rapazes e os homens casados tomavam mingau para socar o timbó. Esse horário, tão cedo, para acordar era porque tinha muito timbó a ser socado, pelo menos uns 200 a 300 kilos, conforme o tamanho do lago. Os velhos ou uns meninos que queriam estar no meio também tomavam

mingau, porque eles ficariam acendo turi, que é tala partido de uma árvore que tem o mesmo nome e que serve de lamparina para nosso pessoal do Rio Tiquié e para outros que moram por aquelas bandas.

Quando começavam socar timbó, o homens estavam todos animados e a conversa de sacanagem é que não faltavam e que animava mais os moleques jovens. Esse trabalho durava até ao amanhecer, logo tomavam de novo o mingau e descansavam uns minutos e partiam para fazer massa de barro misturado com timbó. E era aqui que o velho sacerdote ou conhecedor de cerimônia fazia bença em cima do timbó para que os peixes morressem. Essa cerimônia em tukano se diz: wainima-peoshé ou simplesmente nima-peoshé, o que quer dizer botar veneno para que o peixe morra. Esse velho que fazia essa cerimônia ficava numa pequena canoa e outro na outra e ficavam trocando idéia como é que seria o trabalho para agradar todos os parentes. No caso de Iraití e nos lugares perto dos miriti, na maioria das vezes, tneho visto o Senhor Demétrio fazendo essa cerimônia e também Inocência Lobo, já falecido. Enquanto isso se desenvolvia, todas as velhos e os meninos se concentravam nos tapiris e desciam ao lago qdo os homens ou os Kũmũ davam ordem para descerem e tomar banho em água de timbó no lago. Esse tipo de banho era para que, não tirasse a força da cerimônia. Isso se expleca em seguinte forma: toma-se banho no início da tinguijada, pois tradicionalmente, pode se repetir banho depois que o timbó sempre continuará matando os peixes. Agora, quando uma pessoa não tomando banho no começo, e depois vendo muito peixe, queira ou não, essa não poderá tomar banho ou cair no lago para apanhar peixe, porque todos os peixes não terão o efeito do timbó ou da derimônia. Quem não viu isso ou nunca fêz, pode não acreditar, mas que para quem conhece como é, que isso funciona automaticamente, e disso todos os moradores do Alto Rio Negro acreditam.

Por exemplo, uma vez agente fizemos esse tipo de pescaria num lago que se chama ye'merã, e não me lembro quando foi. Foi Perto de Iraití. O chefe do trabalho (pescaria) era o meu pai Casimiro. Deu tudo certo, porque houve muita exigência em cima de todos e nós matamos muito peixe. Isso se fez por muitas vezes nesse lugar, porque os moradores desse lugar eram os cunhados de meu e dos meus parentes a muito tempo.

Quando não era verão, nas épocas de ~~rá~~ cheia, tínhamos outras formas de pescar: o meu pai chamava os nossos parentes para ir cercar os peixes. Esse tipo de trabalho chama-se: wai-sexteshé ou wai-bi'ashé. Primeiro ele via o tanho do trecho a ser tapado com talas de palmeira (bacaba ou de outra palmeira que nós chamamos buxpú). Os rolos de tecidos dessas talas chama-se: imi-sha em termo genérico. Agora, quando for de talas de bacaba é ñumu-keri-imi-sha e buxpú-imisha quando for de uma palmeira menor ( em forma de aste e mais forte). O que dura mais é de buxpú-imisha e outra não muito, mas que pelo menos aguenta durante uma enchente e depois fica mole de tanto ficar dentro da água e quando se é tirado para fora, seca e quebra facilmente. Outra tala, de cor preta dura mais e quando se é tirada da água, seca e continua resitando pelo menos durante um ano, conforme o número de uso que se faz. Portanto, em primeiro lugar era o jeito agente procurar as talahas e depois fazer as tranças com cipó especial e apropriado para isso que é ñama-mixã, o que quer dizer, cipó veado. Esse tipo de cipó resiste ~~(durante)~~ bastante dentro da água e sempre é mais procurado para tecer matapi ou então cacuri, e mesmo para amarrar os caibros da casa ou caraná ( folhas de uma palmeira para cobrir o telhado). Outro tipo de cipó chama-se wabé, menos procurado, mas é bom para tecer os matapis para pegar peixinhos.

Fica um ou dois dias para tirar talas de bacaba e outra tala era custódia, porque não era fácil, e levava uns meses. Assim, quando um sajeito ficava com vontade de passar as mãos, naturalmente provocava até discussões. E qdo tudo pronto, após um bruto trabalho de tecer as talas, e muitas vêzes, qudo se afobava tecíamos até umas horas da noite, aí que tínhamos que procurar os cupins para os peixes comerem. As mulheres fazima uns beijus de mandioca para iscar ou então davam os restos de mandioca crua para piranhas comerem. Piranha não é palavrão em língua dos brancos que eu parendi, porque é o nome de peixe, parecido como pacú (redondo). Era uma grande quantidade de isca e os homens saiam, então, para jogar a isca no rio ou às margens d'um lago. Geralmente, que esse trabalho era feito quando era por volta de nove às dez horas, e dependia muito do número de homens para esse tipo de trabalho. Para dizer verdade, também o meu pai ficava fazendo cerimônia para que fossem cercados um número de peixes, e isso muitas vêzes dava certo. A tapagem de pesca durava pelo menos, dependendo do rio, porque quanto mais vazasse era melhor para nós. Muitas vêzes, todo esse trabalho nao certo, porque o rio enchia demais e os peixes ficavam todos livres da morte. Isso se dava, porque as pontas de tala que ficavam fora da água, com tempo ficavam sob as águas até um a três metros. Assim, todos os peixes saiam. Era o trabalho que víamos, mas não dava para dar jeito. Quando certo, e do jeito que os peixes iam se juntado mais num só lugar, e quando preciso ou não, era só botar timbó que dava para matar muito peixe. Mas, antes os pequenos ou velhos ficavam vigiando, e nesse período ficavam flechando ou botando puçá, que é pequena rede de tucum (uma fibra de uma palmeira cheia de espinhos) que nós chamamos de wëxkhë. Quando é plural, diz-se wëxri. É nesses puças que os peixes ficavam presos, e para quem era ruim de pontaria na flecha dava para assegurar uma comida em casa.

Esse trabalho de tapar os peixes, em amioria das vêzes, fazíamos durante a noite, mergulhando até cinco a seis metros durante toda a madrugada fria. Segundo os velhos, quem aguentava mais era machão ou bom para derrubar as árvores de porte grande quando fosse fazer roça. Pela molecagem ou não diziam também, que era uma forma de diminuir o pênis e o escroto, isso principalmente para adolescente tomar mais banho e exercitá-lo para trabalhos pesados. Como se vê, fechar um lago ou pequeno igarapé que tivesse uns trezentos metros de largura ou mesmo até menos, não era mole. E onde não dava para cercar agente procurava quebrar uns pequenos galhos com bastante para fazer uma cerca por onde não passa nenhum peixe. Assim ao amanhecer, quando ficavam muitos peixes pres, era mais animada porque muitos homnes já começava flechar. Nos dias posteriores era só tomar cuidado, e o fim era botar timbó.

O meu avô João também era bom pescador, porque era bom de flecha, de espingarda, bom de zarabatana, e segundo ele, antes da chegada dos missionários eles faziam umas aradilhas com laços e que um pequeno caniço forte laçava a caça. Em tukano era conhecido como yuri-ka.

No meu tempo de pequeno, eu e meu avô éramos bons pescadores. Não eu, mas ele. Isso aconteceu, porque eu não pude acompanhar os trabalhos pesados que meu praticava, derrubando roças ou então carregando enormes paneiros de mandioca. Também, que o trabalho de roça, de ficar debaixo um sol quente não era mole para qualquer criança. Se eu não me engano, o fato de eu aprender bastante coisa, foi porque, que eu era o primeiro filho de uma familia que chefiava a nossa aldeia. Não conheci tristeza e nem saudade. Tudo eu aprendi, porque segundo o meu avô, que mais tarde eu deveria por em prática tudo o que tinha aprendido com ele. O que eu aprendia, todos os homens de minha sabiam e porque era o caminho indicado para qualquer homem, e mais ainda para quem

um dia seria chefe. Se meu avô lhe muita coisa, o que naturalmente não diria a outro alguém, foi porque ele confiava naquele tempo e pressentiu que meu coração (espírito) era agitador, e que merecia uma atenção mais especial. Foi com ele que tenho aprendido os ensinamentos para tomar ou assumir uma chefia que, no nosso caso indígena que é chefiar uma aldeia de muita gente ou então, para reunir o pessoal para um grande encontro ( danças rituais). Em referência à aldeia, fui criado dentro de uma corte de uma família importante, e o meu grande orientador, na maioria das vezes tem sido o meu avô. O nome João foi o mais conhecido entre os ex-alunos, mas que os velhos que foram ou que tiveram uma educação antes da vinda dos missionários conheciam-no como Ërë-mirĩ, o que significa, a pessoa que tem o dom para ter os conhecimentos de cânticos sagrados dentro de nossa cultura. Segundo ele, antigamente, que sempre participou de grandes solenidades e que fora muito acompanhado pelos velhos sábios. Em outras palavras, não no sentido cerimonioso, significa o conjunto de chilrear das aves que estão no universo, ou então, homens que tem voz bojita para ser cantores. Assim, o meu avô fra grande de nossa maloca e fora instruído através de ritos iniciação juntamente com outros de mesmo grupo de tukano que eram os turo-põ'rã. E quando era necessário chamar outros meninos de aldeias diferentes, também se fazia naturalmente, porque o modo de ensinar todos os conhecimentos para menino tinha o mesmo estilo. Isso era feito quando o número de pessoas (de alunos) de uma aldeia fosse insuficiente para fazer esse tipo de instrução. Assim, quando eu ouvia as histórias da vida dele tinha que obedecer, porque tudo o que ele me contava era para eu por em prática. E muitas vezes para mim foi um regime duro, mas, que era conforme os costumes de nossa cultura. Eu não pude brincar com as meninas da aldeia, porque o tempo era muito precioso, como dizia o meu avô.

Dizia o pessoal de minha tribo, que eu tinha ficar para aprender as coisas de homem, as formas para enfrentar os perigos ou então, para saber pensar como devem ser as coisas para melhor organização. Assim também acontecia com as meninas, que todas deveriam aprender as coisas para vida de uma mulher ser boa dona de casa ou pessoa inteligente para ajudar na organização de uma família ou mesmo de uma tribo. A posição de uma mulher na minha tribo não é como na sociedade envolvente, porque ela passa administrar mais nas bases, e muitas vezes, o homem é apenas o executor dos pensamentos dela. O que aparece mais a vista de todo mundo, é que ela deve aprender o que há na cozinha, plantar roça, cuidar da rocinha, torrar farinha, fazer beiju, tomar conta dos parentes irmãos, ser boa e generosa com todos os moradores, e tratar bem aos velhos, servindo-lhes a bebida na boca da noite, etc.

Conforme a tradição, eu aprendei essas coisas nas caçarias que fazíamos com cachorro. Por exemplo, para ter táticas de caçar com cachorro era saber manusear os instrumentos indicados para homens. Os caminhos que todo homem podia ser era: ser bom pescador, ser bom caçador e saber dominar no trabalho. Quando um jovem era um bom pescador, segundo dos velhos, que esse jovem seria muito atraente para meninas. Isso se explica, porque, quem é bom pescador sempre sustenta a família, e cujos filhos não choram de fome, e por cima quem é ruim de pescaria é criticado pelas mulheres ou mesmo não arranja o casamento tão fácil. E quando esse jovem ouvia elogio de certas mulheres ficava até vaidoso, e logicamente deixava os outros companheiros meio sem jeito.

E antes de toda essa história, eu não sei quando foi que comecei a gostar do meu avô, e que talvez, tenha sido porque ele era mais calmo e muito paciente para ensinar as coisas para mim. Eu não sei explicar, porque éramos os com-

de todas as horas durante o dia. Talvez, tenha sido, porque tínhamos os mesmos espíritos, e ao passo que ia crescendo, que eu me lembro muito bem, que eu era mais animado e inteligente, e tanto, que assim passo a guardar a imagem do meu avô na minha mente: um velhos de uns 60 poucos anos, alto de cabelos brancos, braços ofrtes, peito para frente, pernas coxas musculosas, um homem que gostava de competir nas pescarias e na caçaria. Tocava bem o karisu, yapurutu, e diz que, antigamente tocava uma flauta maior que ele dava o nome de dia-yoë ( flauta arinanha), que não existia no meu tempo de infância e nem mesmo no tempo do meu pai. Nos casos de sacagem, era muito moleque e que gostava de gozar a cara do outro para ver a reação, e tinha também um temperamento muito forte. Eu me lembro muito, que de vez em quando ele brigava com minha avó, e uma por outra chamava atenção a meu pai de modo e com isso manifestava que era resistente à civilização branca. Embora, fosse dominado pela cultura nova, quando se referia no assunto de homem tradicional, que ele sempre foi furo com todos e todos o apreciavam com muito orgulho por ele ser inteligente. Até a alguns brancos tinha uma conversa com ele.

Ele me dizia também, que era conhecedor de língua geral, porque fora criado no meio dos brancos quando era menino. Esses detalhes, como queira, veremos mais tarde.

Quanto as coisas dele eram muito bem organizadas. Sempre tinha uma casa limpa, e que sempre gostava mais de ficar com filho caçula que era o meu tio Henrique. Os seus intrmentos de pesca ( caniços, flecha e arco, e puçás...) tinha que ser do gosto dele. Em todos dos dias que íamos pescar, eu sempre ficava na popa da canoa que era mais gostoso. Também eu tinha que fazer, porque ele deixava ali, para que eu observasse tudo e como eu deveria pescar. Eu

era o cumpridor das ordens do meu avô. Ficava bem caladinho nos momentos em que ele ia flechar ou pescar peixe grande, e as vezes, bem devagarinho remava a canoa sem fazer um mínimo de barulho nas águas. Mas, quando eu não muita atenção nas exigências dele, ele me olhava d'aquela jeito, como quem quisesse dizer uns palavrões em tom alto. Isso acontecia, porque nem em todas as vezes eu acertava como devai fazer, principalmente, quando ele me pedia para eu remar sózinho e bem devagar para flechar peixe. Era nessas ocasiões que ele matava jacundá (mhãhã), jacupidá vermelho (mhãhã-wi), tucunaré (b'ũ), trovão (b'exp'ó), e de vez em quando ele parava a canoa perto de um tronco de árvore que ia ao fundo das águas e com sinais de flecha contra contra as águas dava atenção aos peixes, e quando estes se aproximavam, flechava. Era muitas vezes aracú (bo'tea). O que ele pegava com caniço era também aracú, sardinha (yoxhá, dixpa-ri, wai-dixti-põrõã., wiraria), pacú (huhu), etc. A isca mais usada era gafanhoto (poreró), ou tipo de grilo que canta durante o dia (y'iru), eo demais eram pescados com minhoca (hãhã) ou daracubi (b'axp'á) na época de enchente. Toda vez que faltava minhoca, eu sempre ia cavar à beira do rio e punha-nos numa pequena panelinha que minha avô Leocádia me deu de presente. Essa panelinha de cerâmica em tukano se diz: sh'extewê. A melhor minhoca para pesca era depois de três dias, porque ele ficava sem terra na barriga (hãhã ã'tapetirã). Às vezes, para modificar as iscas, tínhamos japurá (pa'ti). Só bastava queimar a massa de mandioca e depois misturar com pouquinho de japurá, colocar num anzol e pescar. Essa massa tinha um cheirinho gostoso, e logicamente atraía peixe. Também, quando tínhamos a mandioca de molho, as mais durinhas serviam de isca para pescar piranha, aracu, e mesmo pacú. Não é todas as vezes que pegávamos facilmente o peixe, e nesse caso era preciso cagar à beira do rio e quando os peixes vinham para comer, flechávamos.

uma coisa que notado no meu avô, é que ele tinha os cabelos brancos, e por causa disso os demais tinham medo de feitiço, porque, é costume na minha região dizer que os velhos podem fazer praga. Quando os meninos não obedecessem às exigências dele, que para muitos ele poderia transforma-los em cobras ( pĩrõ-b'urêõshé), a pãar castigo segundo um conto tradicional que aconteceu nos primeiros tempos de nossa evolução histórica. Em outros momentos, também ele deveria dizer umas palavras que dessem azar (axkuashé), ou então seria uma previsão para vida de individuo desobediente, e que mais tarde esse passaria a viver tristemente devido os erros cometidos contra os velhos. Por exemplo, quando os velhos foram proibidos de praticar as suas cerimônias em pleno tempo de cristianização, que muitos velhos disseram aos ex-alunos, que um dia eles arrependeriam ou que então iriam morrer em lugares distantes de seus familiares e esquecidos como qualquer um cachorro sem dono. Disso, eu e outros temos certeza e comprovamos de uns grandes líderes indígenas perseguidores de costumes, como Venceslau Padilha e Amaro Lustosa, e como também o irmão dele( Fco ) foram morrer longe dos parentes. Também isso afetou no Antonio Barreto, morto nas proximidades de Manaus quando veio atrás de um comerciante (Domingos), porque ele pensava que com esse homem iria melhorar de vida, o fato que ficou só ilusão.

O modo do meu avô dominar a língua geral, er porque, que no tempo de mocidade dele ele fora criado por um comerciante que se chamava Hágino e que morou na Bela Visto, no Rio Caiari ( Uaupês). Quando ele se lembrava disse, não ficava muito bem, porque ele fora envidado pelo pai dele para aprender a falar a língua geral e que voltando em casa poderia ajudar o pai como intérprete nos assuntos de comércio.

Mas, o pai dele não o teria mandado de bom humor, porque ele brigou junto com outros irmãos com seus irmãos maiores do grupo Turo, no rio Castanho. Assim, portanto, houve a primeira divisão entre nós, e o fato de se deu por sermos a maioria em número de habitantes de uma maloca, e que de certo houve intrigas anteriores. Esse fato será narrado mais adiante, porque eu dizia no começo, que a escrita se trata do contexto do conhecimento que nossos parentes têm sobre a história de nosso grupo. Para não continuar brigando dentro de uma só ~~CSBA~~ ele trouxera outros irmãos, e que fundaram outra aldeia, no mesmo lugar quando chegaram pela primeira vez no rio Tiquié, que foi então no Esteio Igarapé. Do Esteio Igarapé ele recebera os ritos de iniciação juntamente com outros meninos de outros grupos, e devido um pouco de prudência nos ensinamentos ele não chegou a aprender como devia ser. Segundo ele, no tempo de jejum ele comeu as cascas (escamas moqueadas) de peixe, porque não aguentava mais de tanta fome, e como consequência disso ficou meio surdo nos primeiros tempos e não efetivando o jejum de cerimônia, logo aprendeu um pouco. Os mais prudentes tiveram a maior facilidade de aprender as coisas e que foram os grandes na nossa vida de nossa gente.

Também, sabe-se que isso aconteceu no tempo do Manduca, um criminoso que residia em Bela Vista, no rio Caiari (Uappés). Isso deve ter ocorrido no tempo do SPI, porque até ai já chegavam alguns barcos motorizados em São Gabriel. É nesses barcos que vinham os soldados para guarnecer a forte de Fortaleza, quando hoje ficou meio esquecido devido a chegada de outra civilização. Hoje lá foi instalada uma antena de TV, e de tratamento de água para cidade.

Eu sei que meu avô não chegou a navegar até a Manaus, mas andou pelo Rio Branco e nuns trechos do rio Negro, e por exemplo, que ele conhecia muito bem de São Gabriel para cima, até na fronteira que hoje é o destacamento do Quarto Pelotão de Fronteira na Amazônia, No limite Brasil, Colômbia e Venezuela.

Muitas vezes tenho ouvido de muitos comentários sobre o Manduca, e também que o finado Dom João Marchesi o teria conhecido e discutido em certas ocasiões. Eu estava voltando de uma viagem da área Yanomani, quando, então eu me encontrei com uma senhora idosa do Rio Negro em Boa Vista, e foi uma das últimas sobreviventes dessa época. Eis transcreva da fita que eu entrevistei:

" Boa Vista, dia 25 de fevereiro de 1982. (Dona Emiliana Melgueiro).

Essa é uma gravação viva de uma senhora que saiu de Marabitanã, a 50 anos atrás. Ela é de uma Melgueiro, provavelmente deve ser de uma das famílias do senhor Sebastião Melgueiro, que é um irmão codjutor da Congregação Salesiana e que trabalha atualmente em Belém - Pará.

Álvaro: Dona Emiliana, como é que era a Marabitanã no tempo em que a senhora era novinha?

D Emiliana: Quando eu sai de lá, eu já era casada, em 1930. Não sei quantos anos eu tinha, e também nem me incomodo com isso. Sei dizer, que eu me casei em 1924, e me disseram que eu me casei com 16 anos.

Álvaro: Como é que era a vida de Marabitanã, Cucui e Uaupés e do rio Negro?

D Emiliana: Como dizem arigó (peão), não tinha nada mesmo. Era assim mesmo. Só tinha uma igreja, nossas casas e uma casa onde nós passavamos as festas e que depois íamos embora. Assim, o lugar ( Marabitanã) ficava sem ninguém. A presença de muita gente era somente na época de festa de novo, uma vez por ano. Agora, Cucui naquele tempo só tinha Quartel mesmo, e 6 casas para cá, para baixo, e 9 para cima. Naquele tempo não tinha nada de embarcação, a não ser o correio que transportava o rancho e dinheiro e outras coisas. Para lá motor?! Que nada, não tinha nada mesmo. Tubes como é que é lá. Em São Gabriel o barco encostava ali

no javarizal, e agente ficava sentado, esperando outro transporte do finado Rodolfo que se chamava Vitória. Ele que levava a carga para fronteira, e levava o pessoal para outros lugares do rio Negro e do Uaupés. Também o Graciliano, que naquele tempo era jovem e que era muito conhecido demais, e casado com Lilian, e creio que agora já <sup>deu</sup> ter filhos já rapazes ou velhos, sei lá...

Também, conheci o Antonio Valentim, o senhor Garrido, em São Felipe. Nesse tempo conheci padre Tiago e padre Francisco que iam batizar os índios de Cucui e também de Taracuaá. Geralmente, os índios mandavam buscar os padres numa canoinha para carregar inspetor e diretor, e também o delegado. Quem levava esse pessoal era mirinha (remadores e carregadores de mercadoria). E qdo havia batizados ou casamentos alguém ia buscar o padre sempre com a canoinha em São Gabriel. Eu fui batizada em casa, depois, quando grande só fiz tomar os santos olhos. O padre sempre dizia, vocês podem batizar logo em casa e depois quando o padre passar tomem os santos olhos. É o que o meu pai fez.

Também naquele tempo, qualquer filho de caboclo queria ter suas empregadas e empregados porque ninguém sabia ler. Agora não, todo mundo saber ler e quando termina as aulas vão embora para suas malocas e os caboclos vão ficando sem empregados. Naquele tempo, quem era mais adiantado era piratapuaia, e mais brabos eram arapaços.

Álvaro: A senhora conheceu a família do Manduca e seus crimes?

D Emilia: Sim, eu conheci. Era o chefe de lá, o inspetor de SPI, e morava em Bela Vista. E quando ele queria matar ele matava mesmo. Tinha um tronco enorme onde ele amarrava os índios e índias, e depois dava uma surra até os índios desmaia-rem. Aquele era ruim demais, e qualquer caboclo tinha medo dele. Ele mandava os outros regatiar em todos os rios daquela região e mesmo nos seringais do Rio Negro, e tinha muitos índios que ele escravizava. Eles eram três irmãos: Mandu

ca, Higino, Temis e outro irmão que não me lembro do nome. O mais criminoso era Manduca. Virgem Maria, ah eu nem me queria me lembrar desse sujeito perverso. O Gregório, que era o cunhadi do Higino e do Manduca, eu sei também que ele participou de algumas surras a mando do Manduca. O resto não eram tão ruim. O Gregório era casado com D Adeládia, eo Higino era amigado com a Clemência que era uma Cabocla muito bonita, e que também já morreu. Acontece que ela namorava escondido com Gustavo, que era o irmão dele. Assim a Clemencia lecou um tiro no olho direito na hora em que estava jantando com Gustavo. E quando o meu padrinho deu tiro nela, antes ele pegou o motor e foi embora em direção a uma ilha e depois, sem fazer barulho veio subindo de canoa e deu tiro. Ela ficou cheio de sangue e correu atrás de buritizeiros e foi embora para família dela. Agora, o meu padrinho matou o venezuelano que se chamava Gavini, porque ele estava devendo muito e não sabendo como pagar acabou com homem e depois fugiu da prisão de São Gabriel, e assim sofreu muito e foi preso. O Manduca sim, que matava a tiro, batia e tinha 4(quatro)mulheres jovnes bonitas, todas índias e que deitvam na rede, uma coçava os pés, outra pela cabeça, outras ficava entre os braços. E também diziam ao pessoal que tinha filha: olhe, trás amanhã aquela mulher... e eles traziam mesmo. Ai ele chamava para trepar e quando elas não queriam dar, ele surrava e depois trepava e mandava embora. Ele Fez sempre assim, e sempre pegava jovens que tinha feito o negócio com homem... Também, ele não gostava de nenhum padre e ficava chamando palvres contra todo mundo, e comandava uma turma para maltratar os índios ou então para nomear como chefes nas aldeias."

Bem, se dona Emiliania fora criada com uma família dessas, que também, segundo creio, que não poderia de muita confiança naqueles tempos. O meu avô João que fora o pescador dessa gente durante uns 20 poucos anos, pois ele me disse uma

vez, que o Higino ficou preso 25 anos e que ficou em Manaus trabalhando duro e fazia uma roça para poder se sobreviver. Assim, creio que meu avô deve ter passado muitos anos, pelo menos trinta fora de seu povo. Geralmente, todos esses contos eu aprendia numa pescaria, e quando nos encontrávamos com os viajantes que viam para missão vender farinha ou visitar os filhos na escola, ou seja também, quando estes voltavam da missão, que o meu avô conversava para ter as informações necessárias para o conhecimento do povo de nossa aldeia. E quando voltávamos para casa era um rádio cipó e no instante todos ficavam sabendo da pessoa que passou e como estaria os moradores de outras aldeias. Era muito fácil de encontrarmos os viajantes, porque o rio é o único via de transporte, e quando havia uma festa de santos da igreja católica, aí sim que víamos muitos festeiros subindo o rio. Quando o rio estava muito cheio, era muito difícil, porque os festeiros iam pelos paranás, que são os caminhos no meio de mata alagada pelas águas e que diminuem bastante o tempo para chegar mais rápido. Também por essa época, os peixes ficavam mais espalhados nas matas alagadas e ficava difícil arranjar isca a beira do rio, e nesse caso, a isca e o peixe tinha que ser encontrado nos igapós (dia-koé) E para sustentar a família, a maior preocupação nossa, assim tínhamos que entrar em lugares distantes para procurar daracubis, que são as minhocas que ficam nas orquideas da mata alagada (sá'táa). Esse tempo era mais ou menos entre março a junho, e depois começava baixar as águas no rio. Para isso, os velhos tinham os seus conhecimentos de tempo, e eu mesmo segundo os ensinamentos tenho verificado bastante e conheci muitos nomes para cada enchente. A minha convivência na minha tribo foi para mim, dentro do contexto do nosso calendário, uma vida que parecia ser tudo de programado pelo próprio tempo.

Os dias de nossos antigos, quase todos as trabalhos de roças, de caçarias, e de pescarias e mesmos as grandes festas sempre foram baseadas pelo tempo. Os ensinamentos eram e são feitos nas noites estreladas, durante as pescarias noturnas ou nos passeios pelos durante a noite, e agente fica comentando ou conhecendo as estrêlas. Por exemplo, tenho visto o meu avô contar as es trelas e depois dizer ao meu pai o nome e o tempo das grandes enchentes, e eu mesmo sei alguns dos tempos conhecidos na minha cultura. Isso se fazia também com as plantas, que andando nas matas densas sempre encontrávamos remédios interessantes para algumas doenças.

Eu sei, também, que muitos brancos formados em astronomia e sendo ajudados com aparelhos modernos ou um cientista que fica estudando as plantas através de um livro, sem muita prática, talvez sim ou não ficaria rindo da gente. Mas, para nós não tem importância, porque se qualquer fosse fazer isso, que faria pela falta de conhecimento.

Nós sabemos, que numa noite estrelada, lua bonita, os pássaros cantam ( uru-mutm, curuja, Jaburu, e mesmo bacurau).

1 - Janeiro- No Alto Rio Negro é o tempo de verão, é o tempo de muita pupunha e muitos pais levam seus filhos para fazerem grandes pescarias nos lagos ou nos igarapes, ou mesmo fazem caçarias nos matos, porque dificilmente chove. Os demais fazem trabalhos nas roças, é a época quando muita gente queima suas roças e outros aproveitam para fazer coisara. Também surgem festas de pupunha e de outras frutas da época, e nos maku; naqueles tempos, faziam festas com MI RI (Jurupari), pois se tratava da época de muita fartura de frutas silvestres e eles também aproveitavam para colher os peixes que ficavam nas águas estagnadas de uns riachos grandes. Esse tipo de pescaria chama-se kê'ma-wia seshé, o que quer dizer, colher os peixes de verão.

Nos dias de hoje tem modificado muito, porque, geralmente os pais dos alunos vão nos matos para tirar cipó e que depois são levados ao comerciantes, e conforme a produção eles tirar dinheiro para comprar o material escolar de seus filhos.

fevereiro: resto de verão, pelo menos uns quinze dias, e logo os velhos acompanham o céu, para ver a posição das estrêlas, porque segundo eles, as vêzes, fazem uns grandes barulhos que parecem um estrondo de canhão, e para os velhos isso é o sinal de que está caindo do céu alguma coisa ( wamaetishé). Também quando estrêlas estão bem em cima do poente, isto é, quando as estrelas se amadrigam nessa posição, que tudo indica que está próxima as enchentes ou mudanças de tempo. Muitos peixes estão ovados para festejar no mês seguinte.

Março: depois de muito peixe, e de bacaba e açai, de pupunha é o fim de lindos dias, porque vai começar grandes chuvaradas. No mês de março, começa então a primeira grande enchente. Essa enchente chama-se d'axsiê-poêro, o que quer dizer, a enchente de camarão. Os peixes que estavam ovados fazem piracema, o que os tukano chama de tōrĩ-poeró (enchente de piracema). Assim, muitos homens vão no rio pegar peixes com seus puçás. Essa festa de peixes começa às cinco hora da tarde ou às seis e vai até às 21 horas. Quem é bom pescador, durante a noite, aproveita de potar espinhel ou pesca oreró (surubim ou pintado). Outros homens, antes da enchente fazem seus cacuris para pegar, e logo não se preocupam tanto, porque esse cacuri trabalha durante 24 horas e qualquer peixe que for na boca dessa armadilha é preso. Em tukano, o cacuri chama-se wa'iró. Logo vem outras enchentes; mēhã-poeró (enchente de jacundá que é um peixe); ãña-poeró (enchente de cobra venenosa e outros dizem de cobra grande); wai-kaxsa (girau de peixe), sio-yaxpu (cabo de enxada); yexhé-poeró (enchente de garça); ñoxkõãteró (não sei como explicar em português, mas creio que seria

escofpião); Yai-poeró (enchente de onça, que seria urso maior e menor); Pãmõ-poeró (enchente de tatu); e outras menos importantes. Assim, os rios de minha região ficam cheios até no mês de junho e quando for julho começam baixar as águas do rio, o que então nós chamamos de po'ekhẽ-pi'aró, o que quer dizer, a ida de enchente. Também, o meu dizia, que no tempo em que a região era menos habitada ou seja também, menos tinguijada, que no início de julho os peixes começava chegar em grandes cardumes, e que posteriormente, durante as enchentes faziam novas piracemas.

Uma vez, eu e meu avô João fomos fazer pescaria perto da Boca da Estrada, e era numa época de rio cheio. Acontece que, quando o rio está cheio, não dá para pescar muito bem, a não ser durante às noites. Essa pescaria chama-se poxta-po'shé, o que quer dizer, botar anzóis nos galhos das árvores nos igapós. O homem enfrenta muita chuva, a formiga de fogo, e mesmo de escorpião quando vai procurar as minhocas nas orquídeas, e as vezes, até jararaca. N'outras vezes, os homens se perdem durante a noite, e é pior ainda quando a noite é chuvosa. Por exemplo, uma vez dois tukano de minha aldeia se perderam durante a noite e quase que morreram de tanta chuva. Estes eram Mário Sampaio e Pedro (menor). Eu sei que muitos homens quando iam pescar costumavam levar chapéu e uma lamparina, fósforo, uma camisa para se proteger do frio, e quem tinha uma coisa melhor para se abrigar ( pano de plástico ), obviamente não deixava. E como não tinha tanta coisa, em nossa pescaria e quando ficamos hospedados numa pequena ilha do igapó a dentro, durante o dia o meu avô sempre procurava as tochas para usar a noite. O que ele fazia durante o dia era só abrir os caminhos de pescaria, e de vez por outra amarrava quase uns 300 metros de cipó e nele amarrava os anzóis com isca, e evitava perder muito tempo procurando o lugar onde foi posto o anzol.

Era o trabalho menos pesado, porque vendo os peixes durante umas três vezes à noite já dava para assegurar a alimentação para família.

Os momentos mais perigosos que encontrávamos, era quando íamos atrás de b'axpôa (daracubi), porque era o jeito enfrentar com muita formiga de fogo (êmõã), aranha preta ( b'expê-ñigê), aranha vermelha (b'expê sô'ãgê), aranha verde (b'expê ya'sagê) de todos os tamanhos que as águas vão invadindo as matas. Assim todos esses animais sobem nas árvores, nos galhos e ficam flutuando nas águas, e aí dá para perceber que os grandes centros ou viveiros da beleza e do perigo da natureza é a Amazônia. Também, tenho enfrentando com as cobras venenosas (aña), principalmente com a papagaio (vexko-aña), escorpião (kuxtipá) preto, verde e vermelho, com a centopéia ( ã'kĩ), com a tucandira (pextá) e de centenas de outros que eu não como se dá o nome em português. Era uma atividade que eu aprendi com meu avô João.

O comportamento de uma família quando nasce uma  
criança.

Outras importantes observações que tenho feito, foi mesmo dos meus pais e de outros que sempre pareciam ser os verdadeiros educadores. Mas tenho visto, que nem tudo o que os velhos diziam aos mais jovens dava para acreditar, principalmente quando se tratava de sexo e de seus efeitos. Porém, qualquer grande risada alegre ou de muito barulho que se ouvia durante as festas ou mesmo nas horas em que velhos se reuniam para comer, logicamente eles falavam de sexo, e os meninos que ouviam todas essas paradas

eram como se fossem os alunos(indiretamente). Posso dizer em outras palavras, que as crianças de minha região passam por fases difíceis, mas todos crescem como uma árvore robusta para dar os seus frutos. Também eu sei essas crianças poderão manifestar as suas razões diferentes dos velhos, e quanto for mais lógicas para os meninos do rio Negro ou mesmo de outros lugares, será melhor para a educação sexual dos jovens indígenas.

O meu avô deçano, o José sempre costumava dizer, que o pensamento de uma criança é bem mais forte do que a de muitos velhos, e a razão está pelo fato de que essas crianças lembram de bom e de mal de sua infância. Dentre essa versão do meu avô, eu mesmo tenho sido vítima de muita coisa. Um dia a minha mãe ganhou a nené, a minha irmã Isabel (Dhuhigó), e fora durante a noite. Os conhecedores do fato eram os meus pais e os velhos, principalmente a minha avó (miriti-tapuia) Leocádia) (Diukária), e o meu avô Tukano, o João. Eu estava dormindo e nem esperava ou que nem sabia o que a minha estava sentindo. Mas, antes eu sempre dormia com ela à beira do fogo, e aos poucos ela foi me deixando mais aos cuidados de minha avó e de meu pai. Mas, nas madrugadas frias era jeito procurar a mamã, porque os demis sempre tinham um cheiro diferente dela e que não me agradava. Sei, que isso passe, e quando acordei fiquei espantado com o choro de minha irmã, e que já estava por debaixo de minha rede, à beira do fogo. Vi a minha mãe com criança no colo, e minha avó partena estava toda agitada de muita alegria e andava com pequeno vaso de cuia e no qual continha um pegueno líquido viscoso(mingau), o era então para ser benzido por meu avô João. Também encontrei o meu pai Casimiro sentado à beira do fogo e que não falava quase nada, e isso talvez

estivesse envergonhado. No outro quarto o meu avô fazia uma reza para minha mãe não pegar nenhuma doença de espíritos maus, e estava muito apressado, porque a maior preocupação no momento eram a minha mãe e a criança. Era cerimônia, segundo o meu avô, era para vedar os olhos de wai-mxsã, porque eles sentem o cheiro de sangue quando uma mulher pare. E que para os animais é como se fosse uma grande ofensa ou compra de briga, e qdo então os animais também fazem pragas para os seres humanos. Isso eu já sabia de muito tempo, mas mesmo assim tenho feito outras interrogações e como era de noite não aguentei de tanto sono e fui dominado. Ao amanhecer fiquei muito feliz, porque a família estava com mais uma pessoa. Mas, quando voltei do porto perguntei a minha mãe: Quem lhe deu essa criança? E a resposta dela foi muito simples, - foi o anjo, e que a criança acabava de chegar dos céus.

E porque era a minha mãe, logo passei acreditar, porque para mim, uma mãe nunca poderia mentir. Anos depois fiquei muito triste, porque do jeito que ela era super católica me deu o mal exemplo - que não teve a coragem de dizer a verdade, mas mesmo assim, eu fico reconhecendo que, todas as mães ficam com as razões. Foi também que tenho convidado o meu pai a tomar banho comigo, mas ele me disse: Não, não posso... e vá com teu avô...

No porto tenho verificado que o meu pai não descera comigo, porque era ordem de costume de minha tribo e fiquei ouvindo os comentários de outros velhos, pois todos estavam interessados para ver a criança (õẽ). Foi também, um dia que o meu pai não participou da roda de comida e nem convidou outros para trazer a comida. E quem fez o papel de chefe foi o meu avô João. Enquanto que o meu pai permanecia sentado no quanto, à beira do fogo. Eu

Eu estava sentando à beira do fogo, e comia o beijé com mujeca de peixe que estava contido numa pequena tijela de barro feita pela minha avó. E calado fiquei ouvindo as murmurações de minha vovó: *Casi paxkê, dikese-nēmērĩ dēxpo-gê-sari?* O que quer dizer, Pai do Casimiro, quantos dias o deixará de resguardo?... O meu avô disse: dois dias eu creio que está bom, porque não estamos mais no tempo dos antigos que castigavam mesmo, e os padres ficariam brabos conosco...

Esse costume até hoje continua em muitos povoados indígenas do Rio Negro, é qdo não se pode domer pimenta, usar o arco e a flecha para que não cresça o umbigo da criança, que não pode beber *ap* bebida fermentada para que a criança não chore, é quando não se pode comer jacundá (peixe), pois senão a criança ficará cheia de afta na boquinha (*exse-ñe'merõã*) e de outras desgraças. Era por isso que o meu estava ali, para escapar de muitas doenças e evitar que isso aconteça na minha mãe e a criança. O que o meu pai comia era o beijú, tomava o migau e a minha vigiava-os constantemente. Também a velha ajeitou outros jovens para pesarem peixinhos para os meus pais e minhas tias foram no mato catar uma formiga que nós chamamos mexkã (manivara). Essa formiga era para o casal quetiñha ganhado a criança, e era o costume de muitos anos. De lado, para muitos casais, a vida continuava normal. O meu avô foi ao mato para procurar uma casca de pau muito cheirosa para dar-lhes o banho porque essa planta estava no contexto de nossa cerimônia. Essa planta chama-se pa'pu-uaxkê. Assim, no segundo dia acompanhei os meus para o porto, e na frente ia a minha avó com um pedaço de cerâmica quebrado que continha o breu consagrado por meu meu avô, e atrás os meus pais. Ao chegar a beira do rio, a velha jogou as cinzas em chamas no rio e foi quando então tomamos o

banho gostoso, e era o primeiro banho de minha irmã no porto. O breu que era benzido por meu avô, e o ato solene de banho e quando a minha avó jogou o breu no rio e a presença da fumaça simbolizava a presença de paz e de pseguranças para os pais e sua criança. Bem depois voltamos do porto, e meus pais comeram peixinhos assados, cozidos na pimenta, comeram as formigas e foi uma festa. Segundo outras observações de índios, eventualmente, quando uma pare sempre chove, é o que os índios chama axkorikó, o que quer dizer, a chava de criança recém-nascida. Depois, à proporção que minha irmã crescendo, melhorou a situação de muito trabalho para os meus pais, e fomos grandes companheiros e como sempre temos dado muito trabalho quando surgia as briguinhas de criança.

Mas, vale ressaltar, que o pensmanto de velhos sempre são intruções para as futuras gerações, ou então, o progseguimento de tradições onais. Esses ensinamentos, para muitos jovens de hoje, não têm muito significado como eu disse antes, porque aguentar a fome de 4 a 7 ou mais dias, como faziam os velhos era uma forma de castigo aos que desobedeciam às intruções dadas na tribo. Também quem não tinha pai sempre era obrigado a cumprir as ordens de kumu, e em troca disso ~~era~~ passava a receber as instruções decerimônais de todos os tipos, e outros que não tinham muito conceito diante dos velhos eram os servidores de ipadu para os mesmos fins de conhecimento. Assim, os jovens mãis assíduos eram os que merecima mais respeitos e gosto para ensinar os mitos solenes. Quanto as mais solenes eu não pude assistir ou participar, porque desde que chegaram os missionários ficou feio para quem não queria levar o carão em público. Isso aconteceu, porque os primeiros ex-alunos se julgaram mais uimportantes do que os velhos porque se falava de muito cató

licismo ou de conversão de gentios. Porém, essa conversão, foi uma verdadeira perseguição de filhos indígenas, cujos pais não puderam mais sentir como os responsáveis pela educação de seus filhos, porque os ex-alunos, além de serem ou simplesmente alienados pelo Padre Leonardo Donno só falavam em português. Foi Nesse tempo que começou decair a organização indígena em muitas aldeias. Assim, mesmo alguns velhos que se encontravam em lugares mais distantes ainda preservaram os ensinamentos para os filhos, e as malocas sempre foram os lugares de abrigo de famílias numerosas. Por exemplo, mesmo o meu, por mais que o sistema de cristianização fosse mais rígido sempre procurou ensinar ou dialogar sobre as cerimônias. E quando foi mais tarde, numa manhã de maio (24/5/1980), é que fiquei percebendo de uma cultura para um povo é a base para sua sobrevivência, e logo procurei de fazer umas interrogações ao meu pai.

#### A CERIMÔNIA DA VIDA

Foi após a oração da manhã, é que passei a conversar com meu sobre a vida. A princípio, papai fizera *we'tiro*, uma cerimônia de proteção, com o cigarro, *exm v* seguida andara conversando a respeito de minha curiosidade, e parecia estar muito animado ou se arrependido sobre umas atitudes que fazia com os velhos diante dos padres. Porém, ao mesmo tempo, estava muito calmo, porque todos tinham saído, depois de comer beijú com pimenta e peixe. Segundo as palavras anteriores que escrevi, em todas as comunidades do Alto Rio Negro (nos rios Uaupés, Tiquié e Papuri), os chefes de cada aldeia chamam pessoas para trazer a comida de casa, para saciar os membros presentes da comunidade. Isso acontece de manhã, quando o capitão chama em tom alto, a comunidade. Quem chega primeiro, é sempre a mulher, trazendo a panela de caldo com pimenta, beijú numa cesta própria, e às vezes, peixe, para a animação dos homens.

Assim, o chefe ia recebendo os visitantes, e há fraternidades incomparável. Todos chegam, e a casa fica numa animação. Todos falam e riem alto, quando percebem uma conversa engraçada que é de pescaria, caçaria, ou quando comentam a vida de outras pessoas, isto é, quando recordam os fatos que marcaram na vida. Todos estão numa roda, cada um alegre o irmão com palavras construtivas. De lado, as mulheres esperam que termine a refeição dos homens. Quando acaba a comida, todos lavam as mãos e passam a tomar mingá ou manicoera, que o suco de mandioca cozido, bem doce. **Agora** são as mulheres que estão comendo; a quantidade de comida é a mesma. Os homens e4 pé ou sentados, continuam conversando. É claro que nesse momento ocorre um jogo de conversa; os homens falam para mulheres comer bem, que não maltratem os maridos, ou que ponderem muito. Por sua vez, as mulheres defendem-se, dizem, por exemplo, "vou todos os dias para a roça, sózinha, para sustentar a família, e às vezes volto com fome e não reclamo..."

Prossegue a conversa e termina, à proporção que retiram da casa do chefe para suas residências. No tempo de minha infância a vida do povo era diferente de hoje. Hoje, modificou demais. O povo ficou privado dos costumes tradicionais. Não dão muita importância para os costumes tradicionais. Tal fato preocupou-me e espero que outros sintam essa diferença. Portanto, eu passei a analisar e anotar, e apreciar os fatos. Tive um comportamento, com pensamento diferente, porque se tratava de vida e da história do povo que transcorria sem ser documentada pelos filhos do povo.

Nos tempos anteriores, alguns brancos escreveram a respeito do nosso povo, mas escreveram no sentido deles, diferente do que é a vida cerimoniosa indígena, mas para os europeus e norte-americanos ler. E nós, continuamos

até hoje sem escrita. Só sabemos falar mesmo o nosso idioma, e não sabemos escrever nele. E como já vinha dizendo, e vou repetir, consciente disso, passo a descrever o quadro cerimonioso da vida, na língua tukano, que uso para minha expressão. Ela não pode ser traduzida ao pé da letra, porque é uma língua totalmente diferente do português. Isso obriga-me interpretá-la para o modo de falar de falar do branco. Isto é necessário, para a compreensão correta. Até os próprios filhos de indígenas sentem dificuldade de transmitir a mensagem do branco para o Tukano.

A vida do indígena não é uma vida " primitiva " do "indígena" imaginado por muiyos. Atualmente, o indígena vai aprendendo a língua portuguesa, dentro da estrutura de ensino ministrado nas escolas. Logo veremos um panorama de vida ocorrida na minha infância dentro dos colégios dos padres salesianos, o que então nos dirá a diferença entre os ensinamentos de índio e de branco. Também, essa descrição há de comparar-se à mudança sofrida dos nossos povos. O caro leitor, não iniciado, terá um conhecimento mínimo, porque para alcançar o ponto desejado do conhecimento somente se faz na convivência entre os conhecedores da tradição de cerimônias. Digo assim, porque chegaram nas nossas aldeias várias pessoas curiosas, principalmente os estrangeiros, e muitas vezes com a autorização da FUNAI em últimos tempos para escrever livros a respeito do nosso povo. O que realmente aconteceu, é que todos foram bem recebidos, e quase todos saíram sem compreender o valor moral e cultural desse povo, e montaram fontes de conhecimento errado quando se referiam às cerimônias. Tenho feito várias críticas em muitos momentos, e melhores informações estão nas páginas adiante.

Bem, segundo o conhecimento milenar de nossos ante-

passados, os cabeças do grupo eram dois: Emekhori-maxsê e Ye'pá-maxsê, ambos dotados de muita inteligência.

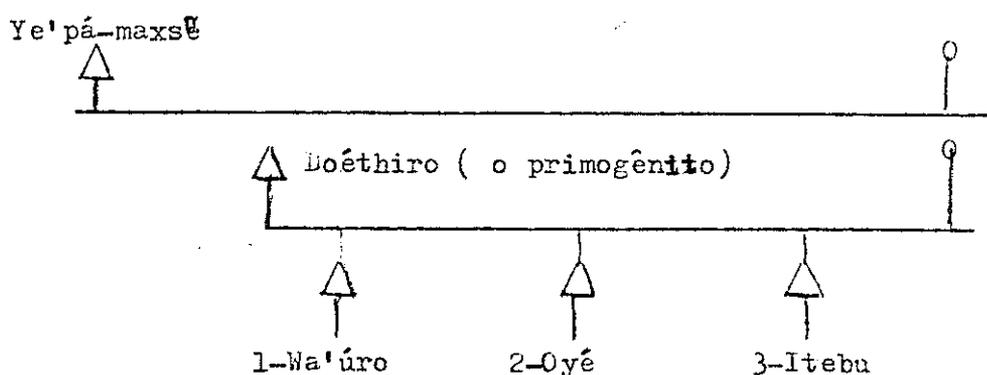
Emekhori-maxsê foi homem do qual descedem os deçano. Era dotado de muita inteligência. É considerado irmão maior do Ye'pá-maxsê, porque ambos se expressavam em língua Tukano. Este personagem é pré-deçano, pois dele surgiram muitos grupos de famílias, onde a família do primeiro filho sempre a mais importante. O grupo-cabeça dos Deçana chamase bo'teá, que em tukano significa aracu (nome de um peixe) Os membros do bo'teá dominam os demais grupos e subdivisões dos deçana, Mas, na verdade, o chefe mesmo não se encontra, nesse momento. Dizem os velhos que saíra, há anos atrás, devido as dificuldades ou intrigas que ocorreram entre seus parentes, e também, devido à morte de sua família. Ele voltou para lá, de onde viera, isto é, no sentido da ocorrência das águas do rio. Alguns acreditam que parou na foz do rio Amazonas, na ilha do Marajó.

Hoje só temos essa imagem dele, na memória do povo,; ainda ficou um restinho desse grupo na região do rio Papuri, porém não são verdadeiros chefes. Representam grande valor por serem membros da classe importante.

Ye'pá-maxsê é personagem nosso, Tukano, irmão menor do bo'teá. Também este se afastou embora atualmente restam alguns dessa classe na região do rio Papuri. Com decorrer do tempo, passaram a falar duas línguas distintas: a língua tukano ficou a língua dos membros do Ye'parã, e o Emekhori-maxsê criou um novo idioma, deçana (chamado wĩrã, em tukano) Fizeram isso, porque falar de uma só língua seria impossível realizar casamento entre os dois grupos considerados como irmãos. Era o costume do povo, desde o princípio, casar com pessoas de outro grupo. Os membros pertencentes a um grupo, são considerados irmãos legítimos, e não pode haver casamento entre eles. Procuram, então,

mulheres de outras tribos ou de grupos ( falantes de língua diferente).  
Quando uma mulher se casa, passa para morar na outra aldeia, e os seus filhos pertencem ao grupo do pai. Saindo uma mulher do grupo, para casar no outro, outra mulher de lá deve vir para cá, para substituí-la; a vaga é preenchida, fazendo troca de moças através de casamentos.

Ye'pá-maxsĕ, mais tarde, teve um neto chamado Wa'úro. Este era o chefe de todos os Tukano.



Após muitos anos, Wa'uró também foi embora em companhia do bo'teá, porque eram cunhados. Por isso, também nós não temos chefe verdadeiro; existe um grupinho de descendentes de wa'úro, no rio Papuri, mas não tem domínio sobre os outros, por serem os ( inferiores) desta classe. Pessoas que conhecem bem a história dos antigos, desmoralizam as pretensões dos wa'uro atuais. Mesmo assim, os grupos de tukano de hoje, conforme o costume dos grupos dos antigos, consideram os primeiros de cada grupo como chefes ou de classe nobre. Numa cerimônia, quando o kumu começa a fazer reflexões sobre a vida, sempre fala de cinco principais pedras, da mais dura a menos. Eles dizem que a nossa vida tem que encarnar na dureza dessas pedras: tem que durar resistente,.. Então, nas orações do kumu agente se compreende que a vida está se desenvolvendo pelas forças que estão na cerimônia. É dentro desse mistério do poder mitológico é que a vida veio se desenvolvendo, e que

não são palavras comuns, humanas: são palavras do PRINCÍPIO.

Era uma vida que vinha crescendo: era a vida dos primeiros homens, feita e cuidada pelo *Emékho-nëxkê*, o avô-do-mundo, que acompanhava o processo do desenvolvimento da vida deles. Para bem dizer, a vida era bem camuflada pela dureza das misteriosas pedras, que era força de cerimônia, comparada com a qualidade das pedras: durável. Então, a vida se assemelhava com a força que se encontrava nas pedras, dura para resistir a qualquer coença ou força inimiga. Em outras palavras, a vida desses homens desenvolveu-se sob o cuidado do *Emékho-phê*, senhor do universo, Essa vida vinha desempenhando um papel importante, movimentando, com o passar do tempo: era uma obra da força do Ser do Mundo (*Emékho ô'mé díró-maxsê*).

Quando um jovem fica ouvindo o kumu falar dessa cerimônia, não pode ficar desconcentrado, porque se está mexendo com nossa vida, ouvindo a narrativa sobre o que ele fez naqueles tempos, e o velho está fazendo o papel de Dono do Mundo: e todos estamos encarnados ~~para~~ nas palavras para uma missão seríssima. Vendo, na nossa cabeça, todo aquele movimento da vida que é cuidada pelo Avô do Mundo. E nesse momento, a força da cerimônia não é nossa, e sim, do Dono do Mundo. Há um grande mistério sagrado, dentro de toda essa cerimônia que não se consegue explicar melhor. Eu sei que o meu pai transmitiu essa mensagem para mim, porque eu era o filho amado e que o substituiria na chefia familiar de minha aldeia. Para qualquer indivíduo é importante saber isso, porque é o princípio da vida para viver bem, sem doença física e espiritual, alimentando a vida do corpo, dá para entender que o homem domina o universo. Não se pode dizer de outra forma, para decompor a cerimônia, porque a Vida é insubstituível. Agora, sobre ela ninguém pode dominar, a não ser

o desejo do Mundo: haverá vida, conforme esse Mundo a quiser.

Em seguida, com processo de desenvolvimento fetal, dentro do contexto da cerimônia, o homem vai portando de suas armas, que são cinco bastões de pedras ou cajados para sua defesa. Também são armas duras, e a o mesmo tempo é a própria vida, ou seja que, ele está concentrado nelas e que não pode haver separação. O brilho da arma é simbolo da vida: bem corada é que dá gosto de apreciá-la, e assim acontece com a vida. Qualquer dentro da cerimônia é o simbolo da força para guerrear contra os inimigos, para dizer que tem coragem para lutar .

Em seguida vem as lanças sagradas e enfeitadas, usadas pelos chefes. Antigamente era uma arma respeitada, o simbolo da autoridade de uma maloca ou de aldeia, quando então muitos homens não chegaram a usar essa arma, porque era uma histórica, do principio do mundo e que por isso apreze na cerimônia. Encontramos muitos mitos com essa arma, ou que é muito mencionada por ser lança mortal. Assim, o homem se defende mais, e todas as coisas que acima citei, são forças sobrenaturais, as invisíveis, as sagradas do nosso poder. Não se pode brincar com elas, e nem ~~as~~ desfazer, porque não existe um outro poder maior que o sobrenatural, porque a força sobrenatural faz com a pessoa faz com que a pessoa acredita nisso, no poder sagrado. Se a pessoa não acreditar nisso, é mesmo como viver se ter recebido a cerimônia da Vida, e o indivíduo seria como uma imagem (escultura) morta ( sem vida), que não entende nada. Se, porém acreditar, é muito mais que figura sem vida, tem ~~pp~~ poder e vida. Isso é verdade que se demnstra: uma crinaça que recebeu a Cerimônia tem saúde e vitalidade muito maior do que a criança que não a recebeu.

Com um golpe de vista, percebe-se esta diferença.

Em seguida é mencionado outro bastão (Yaií), que é um instrumento que o chefe usa durante as grandes solenidades, diante de muita gente. é o símbolo do poder e produz um som de chocalhar agudo, quando mexe-o (batendo-o no seu próprio ombro), conforme a cerimônia. Ainda se encontra Yaií nesses nossos dias em algumas maloca nas cabeceiras do rio Tiquié, entre os baraçana e Tuyuka que são os grupos conservadores e, por isso, constituem suas famílias obedientes às ordens tribais. O instrumento é feito de uma madeira especial, dura, que chama, em Tukano b'xpo-'ori, que quer dizer, "flores de trovão". É de cor marrom-acinzentada, é meio pesado por ser madeira forte. Para ser usado nas grandes solenidades é consagrado pelos velhos. Esse instrumento Yaií é o instrumento de cerimônia, preparado mediante uma reza de cigarro ou sobre breu, esse breu é para ser queimada no fogo em honra do bastão. Em solenidades o chefe usa para mostrar o poder que está concentrado em suas mãos e naturalmente, o povo respeita o seu chefe, pois são os nhecedores de seus costumes. A chefia há em cada comunidade e toda a comunidade, e o respeito é uma coisa do princípio da festa para todos.

Quando os nossos antepassados benziam as crianças, com cerimônia dessa natureza, sempre executavam o rito com grande respeito e devoção primordial, e acertavam o seu objetivo; Chamavam as crianças de Ẽxtã-boho diro maxsẽ, ser que porta sangue resistente como as rochas cerimoniais ou ser que resiste como pedra dura e forte. É uma oração para fortificar ou adicionar a vida humana. É por isso que os nossos antepassados conseguiram viver durante muito tempo, geraram muitos filhos, tiveram conhecimento profundo sobre as doenças, e, por isso, curavam com plantas medicinais ou por meio de cerimônias. Assim aumentou a população de maneira mais rápida. Ocuparam os espaços daquela re-

gião do alto rio Negro. A cerimônia é feita para crianças de ambos sexos, geralmente, quando a criança está em desenvolvimento (feto), porque kumû, conhecedor de cerimônia, é dotado de clarividência, por é bem treinada para isso. Assim, a criança cresce sadia, corada, porque recebeu a cerimônia. E não recebendo essa cerimônia, a criança índia do Alto Rio Negro, parece triste, anêmica e sem graça, desaminada. Isso acontece, porque nós somos pessoas diferentes dos brancos que desconhecem essa bênção, que não acreditam nas nossas formas de curar. Porém, isso existe entre nós, e a prova disso está na decadência de nossa população que se descuida das cerimônias diante dos fatores pseudos-constructivos, para ser civilizados, que até de sarampo se morre. Somos as vítima, por descuido das cerimônais.

Era no mês de abril de 1980, quando chegou um surto de sarampo. Muita gente da minha comunidade preocupou-se com a vida. Durante a triste agonia morreram: uma criança de Santa Luzia, a filha do Felisberto Sampaio, e uma senhora, Maximiana dos Santos Moura, de Maracajá. As crianças deram maior pena e tiveram queimaduras violentas de tanta febre. O Sr José Sampaio, adulto de 35 anos de idade, aproximadamente, quase que morreu. O meu pai era a única pessoa que sabia de cerimônia na minha casa, e os outros, embora soubessem não eram tão procurados. Lá, não tínhamos nenhum tipo de remédio para essa doença. Pai era uma pessoa que ia para Maracajá e Santa Luzia para realizar as cerimônias, para recuperação, e dito e feito, todos passaram a se recuperar. Assim, para todos foi preciso fazer a cerimônia para recuperação, e eu sou testemunha da eficácia do trabalho feito pelo meu pai, Casimiro Lobo Sampaio. Segunda a versão da cerimônia, que o banco tem muita importância, porque ne-

le que está apoiada a vida. O Dono do mundo fez esse banco justamente para sustentar o desenvolvimento da vida, porque a vida estava colocada em cima desse banco misterioso, obra da sobrenatural, ou então, a força da palavra do kumã.

Infelizmente, os bancos atuais não têm mais cerimônia. Pelo contrário, são denominados "artesanatos", portanto, comercializadas, e sua comercialização e o produto de muito trabalho com preço às vezes insignificante. Nos dias de hoje, os mais esclarecidos em lógica, sabemos que a placenta simboliza justamente esse banco sagrado; e por outro lado, as mulheres velhas chamam a placenta de kumurõ, porque, segundo elas que o feto é mais sustentado pela placenta.

Os bancos visíveis são: ú-kumurõ ( banco de jabuti); pĩxkõsẽ kumurõ ( banco de gaivota); ñama-kumurõ ( banco de veado) e pa-maha-mi-karo( banco, cujas pernas são em formas de arco).

É costume das mulheres de minha região, valorizar ou sentir que o banco tem importância, e assim deixam que o kumu realize de fato aquilo que diz na cerimônia, e por sua vez este tem certeza de que esse trabalho terá efeito positivo. Assim, toda mulher gestante precisa de cerimônia, e merece muito cuidado. Não é mistério o nome que se dá a essa cerimônia, chama-se heripõrã-baxseró.

Quanto o significado dos bancos é assim: Banco de Jabuti é mais pesado e mais importante, para que o filho não seja "passageiro", para que fique sentando nesse banco sem poder carregá-lo para todas as partes. Esse banco tem quatro pernas grossas e as partes laterais do assento são redondas. Banco

de gaivota tem pernas que formam a figura que lembra o rabo dessa ave. Banco de veado possui quatro pernas que não estão ligadas entre si. A superfície do assento está chata. E o último ( pa-mahãmi-karo) tem a superfície do assento curva, pintada de vermelho e preto ( motivo de trançado). Os pés não estão pintados, são quatro pernas, finas, encurvadas e ligadas entre si, (duas a duas) com um travessão ao nível do chão.

Depois vem outro objeto usado como sustentáculo ( suporte, mesinha) para beijú no balaio, e a panela com caldo de pimenta. Este suporte tinha forma de dois cones sobrepostos, que se comunicavam pelas suas partes mais estreitas. A abertura do cone inferior apoiava-se no chão, e na outra abertura, de cima, colocava-se a panela e por desta o balaio de beijú.

Em nossa interpretação ela representa o canal que se estende de cada lado do útero até aos ovários. ( Ovários: Expê-ko washê-dari). É aí que a vida passará para a fase desenvolvida. Bem, para quem não entende os símbolos nada tem valor, e sendo aos outros, porque diz-se também heri-shãrĩ sãrĩrõ, o que quer dizer, suporte de respiração, o lugar de muita paz, onde agente desconhece os perigos que nos circundam.

Mencionamos também as cabaças, porque nós usamos para tomar a água. E quando há cerimônias coloca-se mingau ou chá para ser benzido. As cabaças naturais são: baxseri-wêhê wahá-da, que tem a forma oval; uxpisi'ka waha-da, é utilizada no pote de água ou para o preparo do tempero de peixe com pimenta ( kipu-wharo); ta'rokê-waha-da, que é de tamanho maior. Quando não se tinha tigela grande dos brancos, é com uma cuia que se oferecia o caxiri ao visitante. Hoje, tudo mudou não há mais essa forma ou ato de solenidade. Di-

zem os velhos, que a vida foi alimentada com líquido de paz e de segurança. Na cerimônia é importante saber, que todas as coisas que foram mencionadas, são os objetos usados pelo EmEkho-ñekĕ. Fala-se de i'pitishe, coisas doces. Existe na minha região uma trepadeira que se chama kãõrã-da, cujos frutos são mencionados, porque dos sucos desses frutos é a vida se alimenta. Boxpé-kã'rã é muito gostoso, tipo cubiú que se encontra nos campos, nas roças: que cresce por si mesmo. É uma planta rasteira e trepadeira. No contexto da cerimônia é interpretada como sumuádá, ou marĩ kaxtiri-da, o que quer idzer, cor dão umbilical, a nossa vida. Nesse caso, que todos os frutos são alimentos para o feto que vem se desenvolvendo no útero de uma mãe. Depois de tudo, isso é que a criança nasce. Assim me disseram os meus avôs. Outros detalhes não posso dizer, porque são segredos ou custam muito para serem revelados.

HISTÓRIA DO GRUPO TUKANO QUE SE CHAMA Turo Põ'rã.

## INTRODUÇÃO.

Em Primeiro lugar, este trabalho merece uma atenção especial, principalmente dos filhos indígenas do Alto Rio Negro da tribo Tukano. Desde que se teve as primeiras fases de nossa história, do contrário dos primeiros homens, agente sempre temos partido para uma disputa política ou de uma forma mais egoísta em comparação com a classe de irmãos menores. Tal fato sempre o maior obstáculo para a unificação de todos os tukano. Por outra parte, os irmãos bastardos, àquelles que não tiveram ou que não decendem dos primeiros homens, por uma parte sempre tentaram de manifestar como individuos mais importantes, e muitas vêzes sendo zombados pelos velhos conhecedores da história Tukano.

Para simplificar a confusão, seria melhor que cada filho do grupo diferente de tukano escrevesse o seu conteúdo de história, e se possível que esses dados poderia ser julgados por uma comissão, e através de informes fazer uma verdadeira história.

Também, a minha forma de apresentação foi por um simples fato: que me doeu bastante quando alguns dos tukano, que desconhecendo da origem sempre quis rebaixar os meus parentes. Naquele tempo eu era pequeno, mas o meu avô paterno sempre quis dizer muitas verdades, mas o que me estragou foi a minha caminhada para o colégio dos missionários salesianos, porque em vez de aprender a história do meu povo fui para lá para escutar os comentários sobre os egípcios, fenícios e conhecer os santanás nos filminos de Dom Bosco que parecia como um elefantes, e n'outras vezes como ser monstruoso e assim causava medo de noite, porque como sempre, à qualquer criança agente ficava com muito medo na cabeça.

Agora, os primeiros pontos que vou abordar aqui, são as lembranças que ficaram depois de contos do meu avô João ( Tukano).

Os tukano Turo-Põ'rã ou Ƴrẽ-mirĩ pãrãmerã ( decedentes de rouxinol) são os membros da grande família que se chama daxseá. Mas, quando os missionários chegaram na terra dos daxseá, traduziram os nomes de muitos grupos indígenas para o português, e logicamente alteraram o sentido da palavra de nossas tribos. Para comprovar aqui estão os nomes dados pelos brancos.

<u>Tukano:</u>	<u>Português:</u>
wĩ'rã	deçano
di'kaxrã	Tuyuka
Wai-kaxrã	Piratapuia
kõrãã	arapaçu
p'arã	tariano
ne'rõã	miriti tapuia
bará	baraçano
peorã	maku
mẽxtãã	karapaná, e etc.

Esses e mais outros grupos indígenas que moram no alto Rio Negro, no noroeste da amazônia, como já disse, não há muito sentido, porque a denominação tukano se refere a um pássaro que tem o mesmo nome, e nosso povo nem descende de animais irracionais, o nosso povo e os nossos vizinhos não temos nenhuma ligação simbólica com referido pássaro.

Os daxseá é a família ou o conjunto de grupos que conhecem as suas origens e a expressam na língua daxseyé, até os nossos dias.

Somos um povo que temos, então, uma civilização e uma história própria, que se identificam como distinto diante de outros grupos igualmente autoidentificados.

Com o decorrer do tempo e o aumento da população, com a necessidade das sucessivas gerações de procurar o alimento, com as alianças matrimoniais ou mesmo com as intrigas inernas fomos obrigados a ocupar ampla região, mantendo sempre a comunicação através de festas cerimoniais, principalmente. Sendo que cada grupo que se partiu e se assentou num lugar passou a ser autodeterminista e não aceitava, nem aceita ainda, intervenções externas,

Em todas as famílias o primogênito é considerado responsável pelas famílias de seus irmãos menores, e os filhos dele serão vistos do mesmo modo ou seja como um chefe pelos filhos de seus irmãos.

Quando o chefe não tinha nenhum filho, o poder passava para o primogênito do irmão menor do chefe, e quando isso acontecia e como acontece acaba uma geração na história do povo tukano. O homem sempre foi o mais importante na organização social do meu povo, sendo que, a mulher jamais teve destaque. Essas coisas serão explicadas posteriormente.

E, porque somos muitos grupos, que naturalmente mudaram, fato que gerou muitas informações a respeito de nossa história, é que sinto uma grande dificuldade de expressar muita coisa sobre o meu povo, pois muitos discordariam. Como sempre pensei, cabera mim documentar a transformação que é a história do meu grupo tukano turo-põ'rã, conforme as palavras anteriores, acreditando que os outros terão o estímulo para relatarem a própria história para o melhor ensinamento de seus filhos. O conjunto de relatos históricos de cada grupo é que pode ser utilizado nas nossas escolas, o que por outro lado viria fundamentar a unidade de todos os grupos, como o mesmo povo daxseá.

E, é a história que aqui relato como descendente legítimo do

grupo Turi a que fez que meu povo tenha ganho o respeito e admiração dos outros povos do Alto Rio Negro.

Para qualquer filho indígena do Rio Negro e seus afluentes, a língua portuguesa e os textos escolares só causam no(a) aluno(a) o medo de ser filho filho indígena. Posso dizer que, durante os anos em que passei curando nos colégios salesianos, senti e sinto a dificuldade para aprender a contar a história dos brancos. Muitas vezes, observei que alunos que tinham vermelhas, e como já aconteceu comigo também, era justamente a falta de um método de ensino para os filhos indígenas de diversas tribos. Todos os professores cometeram os erros quando deram notas vermelhas aos filhos dos índios, e sobre <sup>isso</sup> vou ser franco como foi o meu procedimento no tempo em fiquei no magistério. Sobre os erros contínuos, não há expressão melhor para dizer a verdade, pois isso acontece, porque cada vez que se erra agente se confunde mais ou se fica com medo do professor branco(a) e se fica fraco nos estudos, fato que para muitos esse estilo de ensino nos levou a decorar alguns textos. A facilidade de decorar as coisas, como poesias e os cantos me colocou em vista dos professores, também de meus companheiros, numa condição superior em comparação aos quem tinham o dom de decorar.

O fato real é que depois de tantos anos, não aprendi quase nada, porém, as notas me deixaram promover. Isso, agora eu sei, porque a língua não era dos meus antepassados ou seja aquela em que eu tinha aprendido a entender o mundo, segundo as explicações do meu vovô.

A educação religiosa era mais fácil, porque decorando bastante, de umas 150 perguntas e respostas já dava para concorrer o certame no fim do ano letivo para ganhar o prêmio. Por outro lado, essa mesma matéria

Jamais tratou de nossa cultura ou nem sequer os nossos educadores chegaram junto aos velhos para perguntar do contexto religioso. O que se aprendia muito em meio tanta religião, posso dizer que era uma educação que nos deixava só medo no pensamento de tanto que falava de castigos para quem não cumprisse as doutrinas. E por esse medo foi que nos deixamos dominar por outra cultura e passamos a esquecer muitos dos ensinamentos dos nossos velhos, embora que estes nos insistiam.

As pessoas que não chegara<sup>m</sup> a ter os conhecimentos da sociedade envolvente nos viam como superiores, isso quando voltávamos do colégio para passar férias.

Os momentos de maior emoção para mim, para os meus companheiros e aos educadores, também para os notáveis vistantes das missões salesianas eram aqueles momentos, que com um arrepio em todo corpo cantava-se as canções militares em homenagem a senhores desconhecidos ou à bandeira nacional. Guardo na memória a letra e música de hinos, outros tantos cívicos que ainda não estou gostando pelo fato de que isso estragou a minha alma.

Depois de longa jornada, quando os meus compatriotas formaram um bloco pequeno para fazer reflexões sobre a perda de cultura, é que comecei a observar outros tantos dominados por essa civilização, e logicamente eu me encontrava no meio destes. Estamos dominados por uma educação altamente partenalista, e descobri que os meus companheiros de infância, os anteriores e posteriores, jamais puderam dizer uma negativa à educação alienante, muito embora fossem pessoas que tinham a capacidade para dirigir o povo. Como tantos outros ex-alunos anteriores, também eu tive alguns ex-alunos índios depois de quatro anos de trabalho no magistério. A conclusão foi, que o quanto mais estudavam, mais eram dominados pelos próprios educa

dores índios, religiosos, enfim todos subordinados pelos políticos, e entre os quais existia uma troca de favores mútuos para o fortalecimento de seus próprios interesses. Na fãla destes religiosos e políticos, que o #engrande cimento da pátria" estava na transformação dos selvagens em gente, e isso se fêz em vias de cristianização ou de índio bravo em manso.

Portanto, diante dos meus companheiros, principalmente dos mais ambiciosos ou manipulados pelos exploradores dos índios, tenho sido um sujeito ineficaz nas minhas intenções de defender o meu povo. Mas, é a minha atitude o que me diferencia dos meus companheiros, já que a maioria vê as coisas como eu, só que preferem calar porque não **vêm** claramente que a alternativa de vida incluída pelos missionários não é a única que existe, apesar de que no fundo continuam afetivamente ligados aos valores ancestrais ainda que pratiquem superficialmente os valores introduzidos. Na verdade, não somos um povo **x** tão transformado como os padres pensam; falamos e escremos em português só na hora precisa: com as pessoas de fora que chegam em nossas aldeias, mas o uso do **tukano** continua crescendo na mesma proporção em que crescem as populações indígenas do Alto Rio Negro. Continuamos a viver de modo tradicional apesar dos novos elementos que vieram se somar ao cotidiano, como a toupas, aparelhos de som que consideramos importantes para a vida social, mas sem que isto signifique que estamos transformados.

No tempo em que frequentei os primeiros anos de colégio, sempre pensei melhorar de vida, mas infelizmente cada vez fui encontrando mais e mais problemas, sendo pior para outros índios indefesos. Assim, dedico este trabalho aos filhos indígenas do grupo tukano Turo **Bõ'rã** e aos demais in-

interessados que queiram manter a sua voz de autonomia educativa, enfim agradeço aos velhos, que em meio muita brutalidade religiosa de alguns missionários souberam resistir e educar os valores culturais de cada grupo Tukano. Também, as trigos vizinhas, principalmente aos velhos que perderam os seus filhos através de destribalização.

## QUEM é Turo Po'rãẽ?

Segundo a história que não fora escrita pelos membros do nosso grupo Tukano, que nós tivemos um processo longo na vida e na organização social. Nas páginas anteriores vimos, pelo menos, o contexto da cerimônia da vida. Aqui se tratará do processo da sobre os fatos que aconteceram na vida de nossos antepassados.

Diz a história, que nos primeiros tempos houve uma força estranha que ninguém se compromete a dar uma definição, porque até nós mesmos sentimos a enorme dificuldade para explicar como teria começado a vida; mas sabemos através dos mitos e das lendas que são relacionadas com ela, e conhecemos quais foram os nossos primeiros homens. O conhecimento foi doutrina para povo, era o ensino dos velhos sábios.

Sabe-se, que no princípio da vida eram dois irmãos, homem e mulher obertos de um amor incomparável, dotados de muita inteligência, os responsáveis junto ao yepá-sũ'rĩã-pãrãmi( quem existiu a partir de suas próprias entranhas) pelo desenvolvimento da vida. Mas, quem cuidou dessa vida em transformação fora uma mulher chamada yepa-bẽxkẽo, o que quer dizer, a avó do tempo e do mundo. Depois de muito tempo apareceram dois irmãos: yepá-maxsẽ e Emẽkhorĩ-maxsẽ que mais tarde foram os dirigentes da multidão de tukanos e deçanos. Os dois falavam tukano, mas posteriormente, pela necessidade que tinha de cumhados aconteceu que no final de uma cerimônia onde o caxpi lhes fez expressar outras línguas. Também estes dois terminaram como tantos outros, um permaneceu com a língua tukano e outro passou a expressar deçano. Os demais moradores narram isso como um dos passos importan

tes. Agora quem dirigiu no fundo essa festa foi o yepa-õ'ãkhë, a segunda pessoa do Ëmëkho-ñexkë ( Avô do Mundo).

O grande barco de origem, em língua tukano chama-se: pã'mëri-yuxkëshë. Esse barco levava muita gente, e era de tal forma que parecia como cobra enorme, e vinha subindo sem medir o percurso do rio. Dizem outros velhos, que esse barco teria vindo do Ëmëkho-taëro-wi, o que quer dizer, na casa do confins do mundo, e que na linguagem atual seria o mar. Em outras palavras o mar é conhecido na linguagem do mito como õxpëkõ-dixtara, que quer dizer, o grande lago ( de leite materno). Na interpretação vulgar, seria o lugar por onde teria começado a nossa vida.

Quando barco vinha subindo o rio, de fora, milhares de inimigos acompanharam. Esses eram jacarés, piranhas, onças e demias outros, por que sentiam cheiro diferente, ou que a presença de gente lhes perturbava e assim eles queria comer gente. Para se defender de todos esses perigos, os velhos e seus dirigentes fizeram a cerimônia de defesa; e essa cerimônia fêz com que todos os inimigos sentissem como seu semelhante: o **homen** escapou dos perigos, porque para uma onça ele parecia onça, para uma anta ele parecia como ela, e assim por diante. Mas, acontece que, diante de pessoas do barco essa transformação não houve, o que aconteceu foi a força da cerimônia.

Passado tempo, chegou a canoa de origem numa cachoeira do rio Caiari (Uaupés) que hoje conhecida de Ipanuré. Também essa cachoeira é importante para nossa cultura, porque nós chamamo-la de pã'mëri-poea, o que quer dizer, a cachoeira de origem. Outro nome é tõxpha-duri, o que não consigo explicar ou que não o que quer idzer, mas tõxpha é coador de massa de mandioca; duri, quando está amontoado. Portanto, foi nesse lugar que todos **homen** que estavam no barco desembarcaram e fizeram uma grande festa em terra firme.

Alguns dizem, que até aqui, que todos falavam tukano, e outros dizem que já haviam duas línguas. Mas o que indica, pode ser tenha existido apenas a tukano.

Foi nesse lugar que os homens ocuparam as terras, e foi quando conforme a necessidade de chefia as malocas já tinha os líderes. Essa liderança partiu da família primogenita, considerada portanto, o cabeça. Assim os primogênitos de grupo, de cada família ou mesma da tribo ficou com a responsabilidade para estar dirigindo moralmente diante de outros vizinhos que queriam abusá-los, e praticamente que todos ficaram responsáveis pela sua família. Geralmente o chefe não concentrava o poder em suas mãos, por tradição tribal todos eram seus assessores e de todos ouvia seus conselhos. Os principais conselheiros do chefe eram os velhos sábios, que conheciam os métodos práticos para a melhor organização tribal. Desse jeito todos sentiam da existência do chefe, da educação tribal, da organização que não era então para forçar os outros a fazer contra a vontade. O que posso dizer, mais tratava-se de uma educação que todos aceitavam com maior gosto, pelo fato de que essa ordem vinha desde a nossa origem. Refere-se ao mito origem que estabelece as hierarquias entre os grupos ou como se constituíam.

No caso de constituirmos uma família, que o grupo Tukano Turo, que nós tivemos o nosso primeiro homem que se chamava Doéthiro. Foi um dos membros dos primeiros homens, o homem que participou da festa em Ipanuré e que viu as primeiras conquistas de terras, que conviveu com seus irmãos que também são conhecidos por grupos tukano que mantêm a tradição cultural.

Doéthiro era grande conhecedor de cerimoniais, por essa razão educou seus filhos e destacou-se por esse mesmo fato diante de outros irmãos.